



LUCIANA DE AGUIAR SILVA

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA ESCOLA
CONTRIBUIÇÕES DA TURMA DA MÔNICA EM UMA
OFICINA DE CIÊNCIAS**

**CAMPINAS
2013**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LUCIANA DE AGUIAR SILVA

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA ESCOLA
CONTRIBUIÇÕES DA TURMA DA MÔNICA EM UMA OFICINA DE CIÊNCIAS

Orientador: Prof. Dr. Pedro da Cunha Pinto Neto

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração de Ensino e Práticas Culturais.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA LUCIANA DE AGUIAR SILVA
E ORIENTADA PELO PROF. DR. PEDRO DA CUNHA PINTO NETO.

Assinatura do Orientador

A handwritten signature in blue ink, appearing to be "P. C. P. N.", written over a horizontal line.

CAMPINAS
2013

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Si38h Silva, Luciana de Aguiar, 1977-
Histórias em quadrinhos na escola contribuições da Turma da Mônica em uma oficina de ciências / Luciana de Aguiar Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Pedro da Cunha Pinto Neto.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Educação Ambiental. 3. Ensino de Ciências. 4. Recursos Didáticos. 5. Histórias em quadrinhos. I. Pinto Neto, Pedro da Cunha, 1960-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Comic books at school contributions of Mônica's gang in a science workshop

Palavras-chave em inglês:

Education

Environmental education

Science

Teaching resource

Comic strips

Área de concentração: Ensino e Práticas Culturais

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Pedro da Cunha Pinto Neto [Orientador]

Hylío Laganá Fernandes

Alik Wunder

Data de defesa: 13-08-2013

Programa de Pós-Graduação: Educação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA ESCOLA
CONTRIBUIÇÕES DA TURMA DA MÔNICA
EM UMA OFICINA DE CIÊNCIAS**

Autor: Luciana de Aguiar Silva
Orientador: Prof. Dr. Pedro da Cunha Pinto Neto

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Luciana de Aguiar Silva e aprovada pela Comissão Julgadora

Data 13 | 08 | 2013

Assinatura: _____

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

2013

Em memória de minha avó Maria Lima da Silva gostaria muito de tê-la aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma tarefa ingrata. Sempre corremos o risco de esquecer alguém. Mas também podemos nos lembrar de todos os que mais de perto acompanharam nossa caminhada.

Agradeço a Deus em primeiro lugar. Por me dar a vida e todas as oportunidades e pessoas boas que me ajudaram até aqui.

Aos meus pais Inocêncio e Luiza, por terem sido os melhores pais que qualquer pessoa gostaria de ter. Por terem confiado em mim e me deixar ir tão longe. Se estou aqui é graças a vocês. As minhas irmãs Simone, Daniela e Adriana pelo companheirismo e por terem colocado meus amores na minha vida. Aos meus amores (sobrinhos) na ordem de chegada: Maurício, Henrique, Saulo, Andressa e Miguel e o mais novo Arthur, meu primeiro sobrinho-neto (como estou velha), só por serem meus amores. E aos amores que ganhei quando casei, os sobrinhos: Maria Clara, João Gabriel e Guilherme. Ah claro, Caio Vinícius que mais que sobrinho virou um amigo e companheiro.

Aos amigos Adson, Caronte (Flávio), Ingrid, Rinaldo, Marcelo e Jaenes por tantos momentos de alegria e divertimento em meio às agruras do caminho. Um agradecimento especial a Cândida, por ter me ajudado tanto a chegar aqui. Sem nossas conversas não sei se teria ido tão longe. E não posso deixar de citar as queridas Flávia, Ana Paula, aos casais Andressa e Lionis, Kleber e Cristina, Rafael e Isabel. A Marina, aos voluntários e aos idosos do Reviver que me ajudaram tanto a viver as alegrias de cada momento.

A minha melhor, melhor amiga (redundante mesmo) Rafaela, por todos esses anos de amizade. Te amo amiga! Cláudia, por ser tão presente, Rafael, por me emprestar a Cláudia e aos dois juntos por nossa Maria Alice. Ao meu amigo e eterno orientador Figueroa, que sempre acreditou e apostou em mim.

A minha querida e eterna prof. Inês, se estou hoje aqui foi graças a sua dedicação e paciência comigo nos meus primeiros anos na escola.

Ao Cícero, meu grande amor, que tantas vezes me incentivou e brigou para que eu não desistisse. Como diz a música: “Só você pra dar a minha vida direção, o tom, a cor...” te amo muito.

E a Maria, por sua presença e proteção.

Ao professor Pedro, por sua dedicação, empenho e auxílio. Obrigada por sua orientação, tranquilidade e pela confiança no meu trabalho.

Agradeço também a CAPES pela bolsa concedida.

“Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho é resultado da pesquisa realizada em duas turmas do ensino fundamental I, em uma escola estadual, no município de Campinas, com crianças na faixa etária de 8 a 10 anos. O objetivo foi desenvolver uma oficina de Ciências, utilizando as Histórias em Quadrinhos (HQs) como recurso didático. Neste sentido, buscamos compreender os quadrinhos como uma linguagem que emprega imagens e texto para expressar ideias. Além disso, procuramos conhecer um pouco da história dos quadrinhos, em especial no Brasil. Tendo sido considerados, por um tempo, prejudiciais às crianças, os quadrinhos chegam às escolas, dessa vez, incentivados por educadores de todas as áreas. Assim sendo, os quadrinhos se tornam um instrumento a serviço de práticas motivadoras, em especial no ensino de Ciências, e que estão à disposição dos professores que desejem se aventurar em práticas educativas com o uso dos quadrinhos. Nossa oficina foi realizada em três etapas, utilizando os quadrinhos disponíveis na escola. Na primeira etapa, discussão sobre os quadrinhos e leitura de algumas histórias; na segunda, leitura e debate de HQs previamente selecionadas com o tema educação ambiental; na terceira, produção de HQs com os alunos (as). A partir disso, pudemos analisar as HQs produzidas pelas crianças e observar a influência da linguagem dos quadrinhos. A pesquisa mostrou que a grande maioria dos alunos (as) domina essa linguagem; que os quadrinhos auxiliam os alunos (as) com dificuldades de leitura; que os quadrinhos têm um certo “poder” de ajudar a fixar ideias que estão nas histórias; que apesar de apresentarem alguns equívocos os quadrinhos podem ser de grande valia na sala de aula e é imprescindível a intervenção do professor (a) no uso dessa linguagem.

Palavras-chave: Educação. Educação Ambiental. Ensino de Ciências. Recurso Didático. Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

This work is the result of a research on children aged 8-10 in two elementary classes in a state school, in the city of Campinas, Brazil. It aimed both at developing a science workshop using comics as a teaching resource and at understanding strips as a language using images and text to express ideas. In addition, it explored further the history of comics, especially in Brazil. Once considered detrimental to children, comics are now entering schools, backed by teachers from different areas, to sustain motivational practices, especially when it comes to teaching sciences. They are thus at the disposal of any teacher who may find them helpful in their daily practice. Using the strips available at school, our workshop comprehended three steps: discussing strips and reading some stories; reading and debating previously selected strips focusing on environmental education, and; producing strips with the children. We could then analyze their production and observe the influences of comics language. Our results show that most students master this language; that strips help students with reading difficulties; that they have a certain “power” to help fixing ideas presented in the stories, and; that although they might be ambiguous, comics can be of great value in the classroom as long as a teacher can assist their students seize their language.

Key words: Education. Environmental education. Science. Teaching resource. Comic strips.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cebolinha, nº63	24
Figura 2 – Cascão, nº64.....	25
Figura 3 - Almanaque do Cascão, nº30.....	26
Figura 4 - Chico Bento, nº 62.....	26
Figura 5 – Magali, nº 32.....	27
Figura 6 – Magali, nº 31.....	27
Figura 7 – Cascão, nº 47.....	29
Figura 8 – Cascão, nº 47.....	30
Figura 9 - Turma da Mônica Jovem, nº 43.....	31
Figura 10 - Turma da Mônica Saiba Mais, nº 8.....	32
Figura 11 – Balão de espanto	41

LISTA DE DESENHOS

Desenho 1	38
Desenho 2	39
Desenho 3	40
Desenho 4	43
Desenho 5	44
Desenho 6	46
Desenho 7	47
Desenho 8	48
Desenho 9	49
Desenho 10	50
Desenho 11	52
Desenho 12	53
Desenho 13	55
Desenho 14	56
Desenho 15	57
Desenho 16	59
Desenho 17	62
Desenho 18	63
Desenho 19	64
Desenho 20	65
Desenho 21	67
Desenho 22	68
Desenho 23	69
Desenho 24	71
Desenho 25	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Revistas encontradas.....	21
Quadro 2 – Revistas selecionadas.....	23

LISTA DE SIGLAS

ECM – Estúdio Maurício de Sousa

HQ – História em Quadrinhos

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Capítulo I - MAS AFINAL O QUE SÃO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS?	5
1.1 A Ciência dos Quadrinhos.....	7
1.2 As Histórias em Quadrinhos na história	8
1.3 Histórias em Quadrinhos na Educação.....	11
1.4 Ciências nos Quadrinhos	15
Capítulo II - A TURMA DA ESCOLA E A ESCOLA DA TURMA.....	19
2.1 A Turma da Mônica como proposta	20
2.2 As Histórias Quadrinhos usadas na sala	24
2.3 Um pouco sobre as histórias	33
2.4 O dia que a Turma da Mônica foi ajudar na sala.....	34
Capítulo III - PERCORRENDO O CAMINHO DAS HQs PRODUZIDAS	37
3.1 A leitura dos quadrinhos	41
3.2 A questão ambiental nas produções das crianças	42
3.3 O masculino e o feminino nas HQs produzidas	58
Capítulo IV - O QUE FICA DA PESQUISA COM AS HQs	73
BIBLIOGRAFIA	77

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata das possibilidades do uso dos quadrinhos no ensino de Ciências, realizada numa Escola Estadual de Campinas, situada no distrito de Barão Geraldo, a escola de ensino fundamental I, conta com uma clientela de 180 alunos.

No capítulo I apresentamos um breve levantamento bibliográfico sobre o tema Histórias em Quadrinhos. Tratamos dos conceitos de HQ, seus elementos, um pouco de sua história, que começou há muito tempo no Brasil. A seguir falamos um pouco do uso das HQs na sala de aula, em especial para o ensino de Ciências.

No capítulo II fazemos uma descrição das turmas e da escola em que a pesquisa foi realizada. Descrevemos também um pouco de como foi a oficina e das Histórias em Quadrinhos que usamos.

Já no capítulo III buscamos percorrer o caminho das HQs produzidas pelos alunos e alunas envolvidos na pesquisa. E, finalmente, no capítulo IV tentamos compreender como o uso das HQs auxiliam os professores nas aulas, a partir das produções dos alunos e alunas.

História em Quadrinhos (HQ), gibi ou apenas quadrinhos. Eles podem ser de humor ou de terror, ter um tema específico ou apenas ser divertido. Não importa, o fato é que esta linguagem fez ou faz parte do mundo da maioria das crianças e adolescentes. E mesmo alguns adultos ainda gostam tanto de ler HQs que são colecionadores e participam de todos os encontros sobre quadrinhos. Os quadrinhos passaram por diversas fases desde sua criação até chegar ao formato como conhecemos hoje: com balões, onomatopeias, sequências, ângulos e enquadramentos. Na história já “serviu” na guerra e foi criminalizado por deixar as crianças e adolescentes com distúrbios. Os quadrinhos desde que surgiram já despertaram muitos sentimentos diferentes. Alguns criaram aversão ao gênero, outros dedicaram suas vidas para provar que é uma boa maneira de formar e informar.

Na Educação os quadrinhos já foram condenados e há algum tempo vêm ganhando espaço nas salas de aula. Muitos educadores já fazem uso dessa linguagem nas suas aulas, em diversas disciplinas. O que vem mudando a forma como os quadrinhos são vistos por pais e professores. Os exames de ingresso em universidades, como os vestibulares, trazem os quadrinhos como recurso nas suas questões. Em 2011, aconteceram as Primeiras Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos como uma tentativa de torná-las mais próximas do público, mas principalmente dos educadores.

Por ser, em alguns casos, a primeira leitura da criança, os quadrinhos surgem como uma alternativa para o ensino e estímulo a leitura. Desde que o hábito da leitura seja adquirido ainda na infância, e seja mantido durante toda a vida do jovem, teremos adultos leitores.

Já existem diversos quadrinistas que utilizam seus traços para “ensinar” Ciências com os quadrinhos. Eles têm feito trabalhos dirigidos, ou não, ao ensino, que podem ser utilizados na sala de aula pelos professores de Ciências. A maioria das HQs existentes no mercado traz algum conteúdo de Ciências que pode ajudar o professor. Mesmo que esse conteúdo, em alguns casos, precise de uma boa avaliação e da discussão do professor com seus educandos. Mas ainda é necessário uma “alfabetização” na linguagem dos quadrinhos, para a maioria dos professores. Educadores de todas as áreas ainda não estão preparados para fazer uso deste material rico e de fácil acesso. Este trabalho é uma tentativa de mostrar que os quadrinhos podem ser utilizados também no ensino de Ciências. Uma forma de auxiliar os educadores nesta utilização tornando o ensino de Ciências mais lúdico e mais próximo dos alunos.

Se, no início da nova vida de leitor (estudante) tudo é novo e fascinante, logo em seguida se torna muito maçante. Alunos de todas as idades perdem (ou não ganham) o prazer pela leitura de forma ainda não bem explicada (mas perceptível aos observadores e isto se prolonga pelo resto da vida). A escola também contribui tornando a ato de ler algo muito estressante e enfadonho para o aluno. Santos (2003) indica um fator cultural que, entre outros, é responsável pela diminuição do hábito de ler nas últimas décadas: “o brasileiro não está sendo instigado a ler, ou por causa da censura dos anos 70, ou devido à falta de incentivo por parte das escolas e dos pais, ou pelo número reduzido de bibliotecas”. Para ter gosto pela leitura é preciso motivação desde muito cedo. E a leitura na escola significa melhorar a formação do aluno. O ambiente pode estimular a criança a sentir-se motivada para a leitura. Mas como trazer essa motivação para a sala de aula? E como auxiliar os educadores de Ciências Biológicas a tornar suas aulas mais interessantes e motivadoras? Esse é um desafio para todas as séries e professores. É necessário pensar em termos de diferentes estratégias e metodologias.

As HQs podem ajudar na potencialização do letramento, pois o convívio com outros leitores pode auxiliar a atingir o seu nível de letramento, Bari afirma:

Esta chamada “gramática das histórias em quadrinhos” refere-se ao conjunto de signos e sintagmas inerentes a linguagem, que compõe um sistema híbrido de matriz visual-verbal. Ao invés de simplificar e empobrecer o discurso, como teorizaram no passado os adeptos da argumentação da “preguiça mental”, a hibridização das matrizes da linguagem revela conteúdos relevantes, imbricados em uma expressão com grande conteúdo expressivo de subjetividade. (BARI, 2008, p. 117).

É necessária uma breve “alfabetização”, mas, as próprias crianças conseguem mostrar umas para as outras como ler as imagens e os textos presentes nos quadrinhos, não necessitando que o professor dedique um tempo apenas para essa alfabetização. Histórias em quadrinhos são fáceis de ler até por quem ainda não sabe ler. As crianças menores que ainda não foram alfabetizadas e que tem imaginação muito aguçada conseguem “ler” as HQs, criando as próprias conversas. Ziraldo criador do

Menino Maluquinho lançou recentemente um livro chamado “Meu primeiro Maluquinho em quadrinhos”. Na apresentação do livro, Ziraldo afirma que “ler não é somente juntar letrinhas, fazer bê-á-bá. É também juntar ideias, uma ao lado da outra, e compreender o sentido completo do que se vê – ou do que está escrito”. No site Educar para Crescer a descrição sobre o livro diz:

Meu Primeiro Maluquinho em Quadrinhos não tem texto e é a sequência dos quadrinhos que leva à compreensão do que está sendo contado. Apenas no final da história, há um balão com uma frase, mas não é necessário decifrá-la para entender a HQ. Ela só acrescenta um toque a mais de humor. Além disso, a presença discreta do balão começa a familiarizar os pequenos com o mundo das letras. E, claro, isso é feito de um jeito leve e prazeroso. Esta é uma ótima opção para introduzir os livros e as histórias em quadrinhos na vida das crianças. (EDUCAR PARA CRESCER).

As crianças que ainda não são alfabetizadas conseguem fazer uma leitura das HQs. E isso é observado quando entregamos as crianças menores HQs de qualquer tipo. Com ou sem texto, as crianças são capazes de criar suas próprias falas para os balões que elas ainda não leem. Para crianças com dificuldades de leitura, os quadrinhos podem ser uma boa opção no auxílio à leitura. Eles têm textos acessíveis, as falas dos personagens estão no dia a dia da criança e servem de auxílio extra para o professor que tem alunos com dificuldades de leitura. Os quadrinhos, por terem imagens, auxiliam na compreensão da história e o aluno se sente mais a vontade para essa leitura.

Para Bari (2008) o leitor atinge seu nível de letramento com o convívio e compartilhamento de experiências pessoais. E a autora completa, “[...] por uma razão inerentemente linguística, isto ocorre com maior eficiência quando o leitor se insere em uma comunidade leitora de história em quadrinhos.” (BARI, 2008).

A escola pode incentivar a formação de uma comunidade como essa e os professores podem com a utilização dos quadrinhos nas salas de aula ajudar nesse processo. Por estarem disponíveis nas escolas as HQs podem auxiliar muito o professor (a) a lidar com os alunos (as) com dificuldades de alfabetização.

Dessa forma, é possível pensar a utilização das Histórias em Quadrinhos como um recurso que pode e deve ser utilizado para desenvolver no aluno o interesse pela leitura? Então, o estímulo não deve estar apenas nas mãos do professor de Língua Portuguesa, como podem pensar alguns, mas ser de todos os educadores. E os educadores da área de Ciências têm papel importante também. Neste sentido, o que se pretende é “que o gosto pela leitura possa extrapolar os muros da escola, criando inclusive condições deste estudante continuar a aprender Ciências mesmo fora da escola” (SOUZA; NASCIMENTO, 2006, p. 107). Em virtude disso, as Histórias em Quadrinhos podem ser uma fonte para ajudar nessa busca do educador de Ciências, para tornar as suas aulas mais interessantes e atrativas, auxiliando a trabalhar a

leitura de forma diferenciada na aula de Ciências. Pizarro afirma que:

A história em quadrinhos é apenas mais um desses instrumentos a serviço de práticas motivadoras no ensino de Ciências que devem ser planejadas com o intuito de promover em seus leitores um olhar mais crítico e sistemático acerca das informações recebidas não só pelos quadrinhos, mas por qualquer outro meio de divulgação científica que seja passível de análise e equívoco. (PIZARRO, 2009).

Daí que surgem as razões para que, através da investigação do tema, possam auxiliar os educadores a tornar suas aulas, especificamente da área de Ciências, cada vez mais motivadoras e interessantes.

Capítulo I - MAS AFINAL O QUE SÃO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS?

Existem várias tentativas para definir o que são Histórias em Quadrinhos (HQ). Will Eisner, professor e artista de quadrinhos, foi quem primeiro tentou uma definição do que são quadrinhos. Eisner descreve as Histórias em Quadrinhos como “uma forma de arte sequencial, isto é uma sequência de acontecimentos ilustrados, uma narrativa visual que pode ou não usar o apoio de narrativas verbais, seja em balões ou em legendas” (FEIJÓ, 2010, p. 135). Para Eisner (1989, p. 8) a configuração geral das revistas em quadrinhos apresenta uma sobreposição de imagens e palavras, o que exigiria do(a) leitor(a) suas habilidades interpretativas visuais e verbais. A leitura dos quadrinhos “é um ato da percepção estética e de esforço intelectual”.

Eisner completa:

Em sua forma simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usados vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária, se quiserem. E é essa aplicação disciplinada que cria a “gramática da Arte Sequencial”. (EISNER, 1989, p. 8).

Mas essa definição de HQ, como Arte Sequencial “é refutada pelo fato de o cinema também ser arte em sequência” (CHINEN, 2011, p. 7). O que se sabe mesmo é que é muito difícil definir HQ, porque seus elementos constitutivos não são obrigatórios.

[...] podem existir HQs sem balões, sem textos e mesmo sem os quadrinhos. Podem ter várias vinhetas ou apenas uma, o que as aproximaria do cartum. O importante é que todas, sem exceção, contêm uma narrativa e isso é o que todo autor de quadrinhos precisa ter em mente. (CHINEN, 2011, p. 7).

Para Ramos, quadrinhos é uma linguagem autônoma e a diversidade de gêneros está ligada a vários fatores, entre eles, a intenção do autor, a forma como a história é rotulada pela editora. Ramos (2010) defende:

Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Há muitos pontos comuns com a literatura, evidentemente. Assim como há também com o cinema, o teatro e tantas outras linguagens. (RAMOS, 2010, p. 19).

Em uma análise dessas obras e de estudos sobre a área, o mesmo autor, identificou algumas tendências para a gama de gêneros diferentes das HQs. Segundo Ramos:

Diferentes gêneros utilizam a linguagem dos quadrinhos; predomina nas histórias em quadrinhos a sequência ou tipo textual narrativo; as histórias em quadrinhos podem ter personagens fixos ou não; a narrativa pode ocorrer em um ou mais quadrinhos, conforme o formato do gênero; em muitos casos, o rótulo, o formato, o suporte e o

veículo de publicação constituem elementos que agregam informações ao leitor, de modo a orientar a percepção do gênero em questão; a tendência nos quadrinhos é a de uso de imagens desenhadas, mas ocorrem casos de utilização de fotografias para compor as histórias. (RAMOS, 2010, p.19).

Ramos (2010) afirma que quadrinhos, na verdade, seria um rótulo ou como ele chamou um hipergênero, que agregaria diferentes outros gêneros com suas peculiaridades. Ramos (2010) ainda destaca “que o termo hipergênero é usado por Maingueneau (2004, 2005, 2006) [...] defende que se trata de um rótulo que daria coordenadas para a formatação textual de vários gêneros que compartilhariam diversos elementos.” Isso é exatamente o que acontece com as tiras cômicas, charges, cartum, tiras de aventuras e tantas outras que acabam por receber o nome de história em quadrinhos.

Elas são uma linguagem muito próxima do cinema, já que vários de seus recursos vêm dessa linguagem. Muanis afirma:

O cinema é a mídia que mais tem proximidade com os quadrinhos, seja na linguagem, nas influências mútuas e hibridizações de forma e conteúdo. No âmbito da linguagem, observa-se facilmente a gramática visual comum, a saber, os enquadramentos, a montagem, a dramaticidade e o eixo de câmera, elementos essenciais para criar ritmo, aumentar a carga dramática, construir a narrativa e estabelecer uma lógica compreensível de decodificação da informação para o leitor. (MUANIS, 2006, p. 4).

A diferença que fica evidente entre cinema e HQ é o movimento. Cada quadrinho apenas sugere e simula o movimento e, na sequência, esse movimento pode ficar bem evidente a depender dos elementos usados pelo autor. E isso deixa o leitor de quadrinhos em vantagem, já que ele é livre para olhar com mais detalhes cada cena e decidir o tempo que pode levar em cada uma:

No cinema a imagem possui movimento e relações de foco em profundidade, o que direciona o olhar do espectador em um plano. Ou seja, sua atenção se desloca para um lugar específico na imagem, *imposto pelo filme...* Na imagem estática, e especificamente nos quadrinhos, o que ocorre é o contrário: como não tem o movimento mas apenas as representações de profundidade direcionando o olhar, a temporalidade é dominada pelo leitor, permitindo que seus olhos passem livremente pelo quadro. (MUANIS, 2006, p. 5).

As HQs não se limitam a forma de revistas e/ou histórias longas. Existem outras formas de criar quadrinho. McCloud (2005, p. 5) afirma que “quadrinhos se refere ao termo em si, não a um objeto específico como uma 'revista' ou um 'gibi'”. Segundo esse autor, imagens tomadas individualmente não passam de figuras, mas quando tomadas em sequência, mesmo que apenas de duas imagens se transforma na arte das histórias em quadrinhos. Elas lidam com a palavra e a imagem. Apesar de em alguns casos as histórias serem contadas apenas com uma sequência de imagens. E o conteúdo dessas histórias depende de cada criador. Porém, a definição de McCloud (2005) não chega a ser a melhor, pois há que considerar o *cartum* e a charge. O *cartum* se caracteriza por uma única imagem que ilustra

uma situação cômica. Já a Charge é uma imagem caricaturizada de uma figura ou personalidade, geralmente se refere a fatos e personagens políticos. No caso da charge, o leitor precisa de um conhecimento mínimo da situação a que se referem os personagens para entender e rir (CHINEN, 2011, p. 8). Existem ainda as tiras de quadrinhos que são histórias mais curtas, com começo, meio e fim, e normalmente personagens fixos. Segundo Carvalho (2006) as HQs seriam, na verdade, a evolução das tiras, já que elas começaram em tiras semanais em jornais. Apenas mais tarde é que elas ganham a forma das HQs atuais.

1.1 A Ciência dos Quadrinhos

Os autores de HQs vêm desenvolvendo e aplicando elementos que são específicos do gênero, o que permite mais rapidez na comunicação com os leitores. É preciso que o leitor conheça os elementos únicos dos quadrinhos. Os elementos mais importantes dos quadrinhos são a vinheta ou quadrinho e o balão.

A vinheta ou quadrinho (que no Brasil é a expressão usada para denominar a linguagem) “é a área limitada onde a ação ocorre” (CHINEN, 2010 p. 14). Vergueiro acrescenta “[...] constitui a representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instante, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação” (VERGUEIRO, 2010, p. 35). A vinheta ou quadrinho não são necessariamente quadrados e podem nem existir essa limitação, caso das vinhetas sem a moldura (CHINEN, 2010, p. 14). Chinen afirma que “mesmo sem haver uma linha delimitando as vinhetas, é possível perceber cada uma das cenas que formam a sequência” (CHINEN, 2010, p. 15).

O balão é o “elemento que mais diferencia os quadrinhos de outras formas de ilustração” (CHINEN, 2010). As falas dos personagens são destacadas em balões que de acordo com a forma como são desenhados pode ser “ouvido” pelo leitor das mais diversas formas, o que torna o balão um elemento único dos quadrinhos. Eles podem expressar um sussurro, desenhado em linhas tracejadas, um pensamento, quando estão em forma de nuvem ou fumacinha (fumetti, aliás, é a expressão usada pelos italianos para denominar os quadrinhos). Para Eisner o balão é “o recipiente do texto-diálogo proferido pelo emissor” (EISNER, 1989, p. 154). Vergueiro afirma que o balão “transforma em verdadeiro híbrido de imagem e texto [...] O balão é a intersecção entre imagem e palavra” (VERGUEIRO, 2010, p. 56). Para Ramos o balão é um “recurso gráfico que seria uma forma de representação da fala ou do pensamento, geralmente indicado por um signo de contorno (linha que

envolve o balão)” (RAMOS, 2010, p. 33).

Mas há HQs que não utilizam o elemento balão, essas HQs são “mudas” porque os autores preferem abrir mão do seu uso “para que não interfiram na cena desenhada” (CHINEN, 2010, p. 16), optando por colocar os diálogos na parte inferior do quadrinho. Segundo Robert Benayoun, que é citado por Ramos (2010), existe 72 tipos de balões. Mas o próprio Ramos acredita que este levantamento esteja defasado, já que foi feito antes da era da informática, que adicionou inesgotáveis recursos para os quadrinhos. Segundo Lovreto (1995) “o quadrinho mostra uma sequência intercalada por espaços vazios, onde nossa imaginação cria imagens de ligação”. Entre um quadrinho e outro, a imaginação do leitor corre solta, dando a opção ao leitor de voltar a cena anterior criar e recriar. O que torna o leitor, coautor não apenas por “criar” o timbre de vozes, a entonação, mas pela interpretação dos sons que são as onomatopeias, outro elemento importante dos quadrinhos.

Os quadrinhos ou vinhetas e os balões são os elementos mais expressivos das Histórias em Quadrinhos. Mas há outros elementos que são característicos, como as legendas, que seria a voz onisciente de um narrador; a onomatopeia que representa sons e que vão variar de país para país; as metáforas visuais, que funcionam como figuras de linguagem, um exemplo é a imagem de uma lâmpada para representar que o personagem teve uma ideia; as figuras cinéticas ou de movimento, que dão a impressão de mobilidade, como a “poeira” que se levanta do chão quando um personagem corre.

1.2 As Histórias em Quadrinhos na história

Ainda não há um acordo entre os estudiosos das Histórias em Quadrinhos sobre quando elas começaram. No Brasil, “As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à corte” é considerada a primeira história em quadrinhos. Escrita por um italiano radicado no Brasil, Ângelo Agostini, ela foi publicada em 30 de Janeiro de 1869. A história de Agostini já trazia a maioria dos elementos das HQs atuais: quadros em si, desenhos e textos, sequência. Mesmo não fazendo uso de balões, é considerado modelo para todos aqueles que seguiram seu exemplo. Já os americanos, garantem que o pioneiro é deles: Richard Outcault publicou o personagem Yellow Kid, nos jornais de Nova York em 1895. O “menino amarelo” surgiu como uma tira semanal e também não utilizava balões. Suas falas vinham escritas em seu camisolão. No entanto, é no Japão que está registrada uma publicação de Mangá (nome dado pelos japoneses as HQs, apesar de serem consideradas por muitos como um gênero a parte, por serem lidas de forma diferente das HQs ocidentais) que é datada de 1702 (CARVALHO, 2009). Muito antes de brasileiros e americanos pensarem em fazer quadrinhos.

As primeiras revistas só com quadrinhos surgiram nos Estados Unidos na década de 1930. Will Eisner em entrevista a Djota Carvalho conta como isso aconteceu:

O pessoal do jornal queria manter as prensas funcionando, então, juntaram várias tiras num livrinho, que chamaram de *comic book*, e resolveram imprimir aquilo. Acontece que, em apenas um dia, aquele livrinho vendeu um milhão de exemplares. Estava descoberto um novo mercado e começaram então a ser publicadas histórias com sequência. (CARVALHO, 2009, p. 26).

No Brasil as HQs receberam influências de várias partes do mundo e os quadrinhos de origem japonesa – os mangás – tem muita influência entre leitores e artistas. A primeira revista brasileira de quadrinhos foi a revista *O Tico-Tico*, que fazia referência a um pássaro do país. Publicada de 1905 até início da década de 1960, sendo considerada a revista de quadrinhos de mais longa duração no país. Não continha apenas quadrinhos, mas também contos, passatempos, poesias, matérias sobre datas comemorativas. Seus personagens eram trazidos dos *comics* norte-americanos. Como *Chiquinho*, que era um personagem criado nos Estados Unidos e que acabou sendo publicado no Brasil mesmo depois de sair de circulação por lá. Criado por Richard Felton Outcault *Chiquinho*, ou *Buster Brown* como era chamado por lá o garoto atrevido. Por aqui ele foi elaborado por vários artistas, que criaram muitas aventuras e lhe deram um companheiro, o garoto afro-brasileiro *Benjamin*. E foi *O Tico-Tico* quem primeiro trouxe ao Brasil o personagem Mickey Mouse. A primeira revista só com quadrinhos surgiu apenas em 1939, criada pelo jornalista Adolfo Eizen, chamava-se *O Mirim* e trazia personagens como Dick Tracy, Superman e Batman. Roberto Marinho lançou no mesmo ano *O Gibi*, que fez tanto sucesso que passou a ser sinônimo de história em quadrinhos. Em 1949 a Abril trouxe as publicações da *Disney* (CARVALHO, 2009).

Considerados um meio de comunicação de massa já que consegue atingir todas as camadas da população e com um grande potencial para educar, os quadrinhos foram usados para diversos fins. Durante a Segunda Guerra Mundial quadrinistas foram contratados, nos EUA, para produzir quadrinhos instruindo soldados. Nessa época, o presidente Roosevelt fez um apelo aos editores e desenhistas, que os personagens dos *comics* aderissem ao esforço de guerra e lutassem contra o Eixo (MOYA, 1986, p.89). O mesmo autor confirma esse engajamento na luta:

Quando o Japão invadiu a China, Terry e seus amigos se engajaram na luta para expulsar o invasor. Em 7 de dezembro de 1941, após Pearl Harbor, Terry ingressou na Força Aérea, e seu companheiro passou a ser Flip Corkin, calcado no herói verdadeiro, Coronel Philip Cochran. Uma página dominical de Terry era tão bem escrita e definia tão bem o espírito determinado de busca da vitória, que foi incluída nos Anais do Congresso, numa segunda-feira, dia 18 de outubro de 1943. (MOYA, 1989, p. 101).

Terry era um personagem de *comics* que cresceu ao longo das aventuras. Foi um dos muitos

personagens utilizados para divulgar as ideias de patriotismo. Algumas histórias em quadrinhos conhecidas ainda hoje, já foram usadas para difundir ideias de guerra. Vilela (2008) cita o caso de personagens como o Capitão América e algumas histórias de Walt Disney, que foram usadas durante a Segunda Guerra Mundial para influenciar os cidadãos. Segundo Moya (1989), o Capitão América foi um personagem criado em “pleno esforço dos quadrinhos em prol dos Aliados [...] em momento de ultra patriotismo”. Em alguns cartazes da época vemos o Capitão América com slogans como “Capitão América quer você”, “Seja um sentinela da liberdade” entre outros (MOYA, 1989, p. 160). Os personagens de Walt Disney também foram claramente utilizados para tentar convencer a população a ficar a favor da guerra. Mickey aparece em um cartaz, distribuído nos EUA na época, vestido de soldado, com cara de bravo, tendo um japonês que ameaçava enfiar uma faca em suas costas com os dizeres “Lembre-se de Pearl Harbor. Mantenha-se atento!” (CARVALHO, 2006, p. 62). Esse engajamento dos “supers” é confirmado também por Vilela:

O Capitão América não foi o primeiro super-herói dos gibis norte-americanos (o Super-Homem já havia aparecido em 1938), mas ele foi um dos primeiros a trazer histórias mais engajadas na luta contra o nazismo e inspirou inúmeras imitações. Foi quando se tornaram comuns gibis que traziam capas com os heróis socando ou ridicularizando os ditadores do Eixo: Hitler e seus aliados, Mussolini, ditador italiano, Tojo, primeiro-ministro japonês na época do ataque a Pearl Harbor, e o então imperador japonês Hiroito. (VILELA, 2008).

No pós-guerra, o Capitão América já não fez tanto sucesso e só retornou muitos anos depois, combatendo os mesmo inimigos. No último filme em que apareceu sozinho (Capitão América, 2011) ele acaba adormecendo no fundo do mar após salvar os EUA de um ataque e retorna em filme posterior agora com outros heróis (Os Vingadores, 2012). A Mulher-Maravilha também é uma criação que tinha como propósito elevar o moral da mulher americana na guerra. Ao contrário do Capitão América, a Mulher-Maravilha usa mais a inteligência que os músculos (mesmo tendo poderes incríveis), força só em último caso. E assim como o Capitão América, ela foi deixada de lado com o fim do conflito e quando seu criador morreu tornou-se apenas “decorativa” nas histórias. Se antes ela lutava e incentivava as mulheres a lutarem por seu país agora não passa de um corpo voluptuoso cada vez mais exposto (CARVALHO, 2006).

Muitos quadrinistas utilizaram seus desenhos durante a Segunda Guerra para ensinar técnicas de higiene aos soldados, além de outras atividades. Já nessa época Will Eisner, expoente dos quadrinhos mundial e que foi um dos contratados para produzir os quadrinhos usados pelos soldados, percebeu o potencial educativo dos quadrinhos. Abandonou seu personagem mais famoso, Spirit, e investiu na criação de um instituto para produção de quadrinhos educativos e institucionais (CARVALHO, 2006,

p.31-32).

1.3 Histórias em Quadrinhos na Educação

Durante a primeira metade do século XX, em especial após a Segunda Guerra Mundial, as HQs foram muito criticadas na área da educação. Muitos educadores, ainda hoje, acreditam que elas afastam as crianças das leituras de “livros de verdade” e que, a violência mostrada nos quadrinhos, teria influência negativa sobre criança e adolescentes, por isso, sempre foram um tema controverso na sala de aula. Durante um longo período, as histórias em quadrinhos foram alvo de vários artigos condenando seu uso por prejudicarem os jovens. Após o fim da Segunda Guerra, a nova onda de quadrinhos de suspense e terror teria levado jovens aos consultórios psiquiátricos. Frederic Wetham, psiquiatra alemão radicado nos Estados Unidos, passou a fazer campanhas contra as Histórias em Quadrinhos, alertando para os malefícios que elas causariam aos jovens. No seu livro de 1954, denominado “Sedução do inocente”, Frederic alegava serem as histórias em quadrinhos responsáveis por todos os males que influenciavam a juventude e a infância (PIZARRO, 2009; CARVALHO, 2006).

Posteriormente a essa publicação alguns países chegaram a criar um Código de Ética dos Quadrinhos, com inúmeras proibições (VERGUEIRO, 2010, p. 14-16). No Brasil, o Inep, já em 1944, apresentou um estudo afirmando que as histórias em quadrinhos causavam “lerdeza mental” (CARVALHO 2006, p. 32). Esse estudo, segundo autor, havia sido feito sem rigor ou embasamento criterioso. Isso acabou assustando pais e professores, que sempre desconfiaram que as páginas coloridas das histórias em quadrinhos pudessem afastar as crianças das leituras “mais profundas”. Apenas anos mais tarde e depois de várias outras intervenções do Estado, tentando inclusive proibir os quadrinhos, a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) comprovou em estudos de 2001, que “alunos que leem gibis têm melhor desempenho escolar do que aqueles que usam apenas o livro didático” e que o “professor atuará melhor quanto mais exercitar, pela leitura, o partilhar com os seus alunos a vida que levam”, o que inclui ler gibis. (CNTE, 2001, p. 51). E apesar do estudo ter sido realizado apenas com estudantes do 5º ano do ensino fundamental, ele ressalta que o fenômeno é observado em todos os anos escolares.

Para Scareli, “[...] história em quadrinhos é uma linguagem, uma forma expressiva e que, portanto, possui características específicas” (SCARELI, 2002, p. 1). Vale ainda salientar: “A HQ seria ‘a faísca de uma explosão’ um fator desencadeador de discussões a respeito de um tema proposto” (TESTONI, 2005, p.122 apud PIZZARO, 2009). Diante disso, as histórias em quadrinhos trazem

inúmeras possibilidades no processo de leitura. Lovreto afirma que “[...] sua importância cresce ao se constatar que realmente o gibi é o primeiro livro de leitura de uma criança. Não dá mais para deixar de usá-lo.” (LOVETRO, 1995, p.95).

As histórias em quadrinhos podem ajudar os professores que “buscam alternativas que atraíam o interesse do estudante ou mesmo que diminuam essa distância entre este e o professor” (LINSINGEN, 2007). E os quadrinhos trazem uma vantagem extra, sua leitura não é restrita aos que já foram alfabetizados. Crianças que ainda não foram alfabetizadas podem fazer uso das imagens e criar suas próprias histórias. Crianças, em sua maioria, gostam de ler por meio de imagens e podem fazer isso sozinhas ou na companhia de um adulto (pais ou professores). Para Ziraldo, criador do Menino Maluquinho “[...] é importante inserir a criança na literatura, porque o adulto só vai ler bem se ele leu quando era criança e assim, vai ser uma pessoa melhor e a vida fica mais leve no futuro.” (VOGL, 2010). Uma forma eficaz de fazer essa inserção é com a utilização de quadrinhos e outras linguagens quadrinizadas. Para Bari (2008) os quadrinhos podem potencializar o letramento:

Além do teor facilitador da informação “contextual”, presente naturalmente na linguagem das histórias em quadrinhos, a interação dos sujeitos cooperativos que compõe as comunidades leitoras dos diferentes gêneros quadrinhísticos colaboram com a potencialização do letramento. Ou seja, as práticas comunicativas e a troca de impressões, referências e experiências leitoras entre os membros dos grupos sociais de leitores de histórias em quadrinhos criam uma ecologia da comunicação propícia à apropriação da leitura e ao letramento. (BARI, 2008 p. 119).

É possível verificar o que a autora diz quando encontramos um grupo de crianças que se juntam para ler histórias em quadrinhos. As crianças auxiliam as que não conhecem ou não sabem ler as HQs. E apesar da grande maioria das pessoas conhecerem os conceitos mais básicos dos quadrinhos, ainda assim, para Vergueiro (2010, p. 31), seria necessária, uma “alfabetização na linguagem específica dos quadrinhos” que pode auxiliar tanto os alunos a decodificar as múltiplas mensagens, quanto os professores. Visto que, as histórias em quadrinhos são um sistema com dois códigos as mensagens devem ser entendidas pelo leitor por meio da interação entre os dois códigos. Talvez essa alfabetização se faça necessária, para os que desejam conhecer mais profundamente os quadrinhos, entender melhor todos os seus códigos e até quem sabe se tornar um quadrinista. Mas ao professor ela se torna essencial para que possa usar essa linguagem em sala de aula de forma adequada e auxiliar seus alunos.

Em primeiro lugar, as histórias em quadrinhos proporcionam uma linguagem artística, quer dizer, um conjunto de signos que facilitam o desenvolvimento da expressividade. A criança, além disso, se sente mais segura com uma mídia que é lhe mais próxima e conhecida. Essa segurança é básica para incentivar o desenvolvimento criativo, já que o principal problema com que [nós os professores] nos encontramos é que diante da dificuldade e da sensação de “não saber”, a criança busca ajuda na cópia como refúgio

para sua frustração. O desenvolvimento dessa linguagem não conhece limites. Sempre há algo para contar e sempre há uma progressão na descoberta de novas maneiras de contá-las, de novas formas de desenhá-las. (ANGOLITI, 1990, p. 46 apud BARI, 2008, p.121).

Carvalho (2006) afirma, “a leitura compartilhada de quadrinhos na sala de aula pode ser uma forma de abrir 'uma janela para o mundo' despertar o interesse dos alunos”. Para Alves (2001):

A leitura de histórias em quadrinhos pode contribuir para a formação do gosto pela leitura porque ao ler histórias em quadrinhos a criança envolve-se numa atividade solitária e não movimentada por determinado período de tempo, que são características pouco frequentes nas atividades de crianças pré-escolares ou no início da escolarização. Também porque, estando mais próximas da forma de raciocinar destas crianças, elas podem mais facilmente lê-las, no sentido de retirar delas significados, o que seria menos provável com outros tipos de leitura. Além disso, pode-se esperar que uma criança para quem a leitura tenha se tornado uma atividade espontânea e divertida, esteja mais motivada a explorar outros tipos de textos (com poucas ilustrações), do que uma outra criança para quem esta atividade tenha sido imposta e se tornado enfadonha. (ALVES, 2001).

O mesmo autor, citando Mendes, afirma que ele destaca três possibilidades de utilização didática das Histórias em Quadrinhos: a análise crítica das histórias feita em conjunto com a criança; o incentivo à criação de histórias em quadrinhos pela própria criança expressando a sua visão de mundo particular; e a utilização das histórias em quadrinhos como um meio de expressão e conscientização política (MENDES, 1990, p.1. apud ALVES, 2001).

Já é possível encontrar muitos trabalhos que tentam mostrar como usar esse tipo de linguagem. Diversas publicações, inclusive documentos oficiais, dão sugestões de como trabalhar com quadrinhos. E muitos professores vêm trazendo para o dia a dia das aulas algum tipo de quadrinhos. Giora e Santana (2012) listam algumas vantagens dos quadrinhos. Para as autoras:

[...] os quadrinhos trabalham com a lógica dos sentimentos, ou seja, com a subjetividade, enquanto primeira forma de consciência; ativam a imaginação criadora que envolve todas as funções superiores, além das emoções, de tal forma que o aluno elabora/se apropria de conteúdos que ultrapassam os especificados no tema proposto pelo educador; tornam o processo ensino/aprendizagem prazeroso, pois a criança e o jovem aprendem 'brincando'; além de tudo isso, os quadrinhos podem ser utilizados em quaisquer áreas do conhecimento e quaisquer níveis de escolaridade, levando sempre em conta a etapa de desenvolvimento na qual o educando se insere. (GIORA; SANTANA, 2012, p. 60).

Como a seriação em quadrinhos “se assemelha a uma lenta projeção cinematográfica” (ABRAHÃO, 1977, p. 150), ela se adapta a medida solicitada pelo pensamento infantil. Para Abrahão (1977) a sequência do quadrinho tem caráter de relato visual que entrosa palavra e desenho como convém ao caráter sincrético e intuitivo do pensamento infantil.

A maioria das histórias em quadrinhos conhecida é mais um entretenimento do que algo educativo. Apesar de algumas serem criadas especificamente com fim educativo. É o caso, por exemplo, das cartilhas educativas que, na sua maioria, são “quadrinizadas”, ou seja, em forma de revista de quadrinhos. Essas cartilhas são preparadas por quadrinistas e tem o objetivo de transmitir algum conhecimento específico como é o caso de cartilhas sobre a AIDS, entre outras. Algumas ainda são publicadas pelas grandes editoras com fins de “ensinar” algum tema às crianças e/ou adolescentes que são seus leitores assíduos. É o caso da revista *Saiba Mais da Turma da Mônica*. Mas todas podem ser utilizadas na sala de aula pelo professor.

A adaptação de obras clássicas da literatura aos quadrinhos não é uma novidade. A editora Ebal publicou na década de 50 uma coleção de clássicos que foram adaptados aos quadrinhos. Apesar de todo preconceito existente com os quadrinhos, muitos autores apostaram no gênero. Nomes como José Lins do Rego e Jorge Amado, não só autorizaram a publicação de suas obras em quadrinhos, como apostavam que os leitores de gibis seriam mais tarde leitores de suas literaturas. José Lins do Rego publicou dois artigos fazendo elogios aos desenhos de André LeBlanc para suas obras adaptadas aos quadrinhos (GONÇALO JÚNIOR, 2002, p. 285). Ele adaptou obras como *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, *O guarani*, de José de Alencar, e *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo. Na década de 40, André LeBlanc já havia ilustrado os livros da série do Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato. Agora, em 2012, as obras de Lobato estão novamente disponíveis em quadrinhos pela Editora Globo.

É preciso conhecer os quadrinhos para poder utilizá-los nas aulas. Sendo os quadrinhos um material disponível, dentro e fora da escola, é importante que o professor esteja inserido no contexto dos quadrinhos. Os quadrinhos podem ser o fator desencadeador de uma discussão ou o principal meio para levar o educando a adquirir novos conhecimentos. Para Pigozzi e Vergueiro (2011), os quadrinhos auxiliam na transmissão de mensagens, constroem sentido e produzem informações de maneira singular se comparados a outros recursos informacionais. Vale lembrar que por interagir com dois códigos, o linguístico (que usa as palavras para narrar) e o pictórico (imagens), isso potencializa sua capacidade de expressão e comunicação (PIGOZZI; VERGUEIRO, 2011). Vergueiro cita vários motivos para o uso das HQs na escola. Entre eles estão o fato de que:

[...] os estudantes querem ler quadrinhos; as palavras e imagens juntas, ensinam de forma mais eficiente; existe um alto nível de informação nos quadrinhos; os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura, enriquece o vocabulário dos estudantes; podem ser usados em qualquer nível escolar e com qualquer tema. (VERGUEIRO, 2010 p. 21-25).

Com todas essas possibilidades os quadrinhos se apresentam como mais uma opção a ser apresentada aos alunos, como instrumento para leitura e conhecimento de forma prazerosa. Os professores que buscam a melhor forma de trabalhar, trazendo o conhecimento para mais próximo da realidade de seus alunos, podem se apropriar melhor dessa linguagem. “A utilização desse mecanismo em sala de aula deve ser um ponto de reflexão àqueles que se dispõem a ensinar”. (CARVALHO, 2010, p. 24). Que as histórias em quadrinhos ajudam o educador a tornar as aulas mais estimulantes e contribuem para despertar o interesse dos alunos pelas leituras já está mostrado. Também sabemos que elas estão disponíveis, não apenas em casa, mas também nas escolas. Mas as HQs que estão chegando às escolas são usadas? De que forma? As crianças tem familiaridade com as HQs? Essas são algumas das questões que tentamos responder com nossa pesquisa.

1.4 Ciências nos Quadrinhos

As HQs sempre trazem uma variedade de conceitos e conteúdos, embora não tenham pretensão de serem escolares (PIZARRO, 2009). Histórias, como as da *Turma da Mônica*, por exemplo, sempre trazem temas como: preservação ambiental, alimentação saudável, doenças etc. E o autor, Maurício de Sousa, admite que tem, apenas, a intenção de divertir. Mesmo que às vezes “esbarre” em assuntos da prática escolar.

Porém, na maioria das vezes a imagem da Ciência transmitida nos quadrinhos é distorcida e equivocada. Torres (2007) salienta que os quadrinhos transmitem concepções simplistas acerca da ciência e do trabalho científico. E ele lista que a imagem transmitida é empirista e a-teórica (ressaltando o papel da observação e da experimentação “neutras”); rígida (se apresenta o “método científico” como um conjunto de etapas a seguir mecanicamente); a-problemática e a-histórica (logo dogmática e fechada); individualista (o conhecimento científico aparece como obra de indivíduos isolados, e ignoram o papel do trabalho coletivo). Além de uma imagem elitista, descontextualizada, socialmente neutra, e sexista já que, os quadrinhos sempre mostraram a ciência como obra exclusiva de homens (TORRES, 2007 p. 143-144)¹.

Para mudar essa história, muitos educadores da área de Ciências e outros profissionais, tem se dedicado a desenhar seus próprios quadrinhos de Ciências. Eles usam seus talentos no campo da arte para provar que a Ciência pode ser sim divertida e que os cientistas nem sempre são loucos. Muitos

1 Livre tradução.

desses pesquisadores produzem HQs para jornais e revistas. A revista *Gibiozone*, criada pelo professor Hylio Laganá Fernandes, da Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, é um exemplo. Nessa fanzine² as HQs são criadas pelos estudantes da universidade. E tem como escopo a divulgação científica e cultural utilizando a linguagem das Histórias em Quadrinhos.

Outra iniciativa que tem sido bem sucedida é a da série *Os Cientistas*, que mescla humor e conhecimento científico. Criada pelo jornalista e cartunista Jão (João Garcia), seus trabalhos são encontrados nos boletins *Telescópio*, da Estação Ciência; *ComCiência*, do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (LabJor/UNICAMP); no *Pro-Scientiae*, do Núcleo José Reis da Universidade de São Paulo.

No entanto, essas iniciativas não chegam tão facilmente ao público escolar e a grande maioria das crianças só tem acesso as HQs de bancas de revistas, das bibliotecas (que acabam sendo as mesmas das bancas) e as distribuídas pelas escolas. Ainda que, sem a intenção de informar/educar, é importante utilizar os quadrinhos nas aulas para fomentar reflexões e construir significados como resultado da compreensão de diversas situações. Mesmo apresentando, em alguns casos, erros conceituais, especialmente em relação aos conteúdos de ciências. Um bom exemplo é a revista *Saiba Mais*, dos Estúdios Maurício de Sousa (EMS). Segundo Vergueiro:

Este tipo de história em quadrinhos não representa algo novo para os Estúdios de Maurício de Sousa, que há muitos anos possuem um ativo e eficiente departamento voltado para projetos especiais, com o propósito de elaborar histórias em quadrinhos com finalidades específicas. Em geral preparando material para campanhas governamentais de todos os tipos, mas também atendendo a solicitações oriundas de organizações não governamentais, seja para fins de treinamento de funcionários, para relações públicas ou simples publicidade de seus serviços, essa área da empresa do mais bem sucedido empresário brasileiro de quadrinhos adquiriu com os anos um *know-how* invejável na área, produzindo materiais de ótima qualidade, que satisfaziam plenamente a demanda de seus clientes (VERGUEIRO, 2005).

Essa revista foi alvo de um estudo realizado por Pereira-Rocha (2011) que mostrou alguns equívocos em conceitos científicos. No entanto, a autora observa que tais equívocos não são graves e que não impossibilitam seu uso na sala de aula. Porém, ressalta a importância do professor ficar atento ao uso de HQs na sala.

2 “**Fanzine** é uma abreviação de *fanatic magazine*, mais propriamente da aglutinação da última sílaba da palavra *magazine* (revista) com a sílaba inicial de *fanatic*. Fanzine é, portanto, uma revista editada por um *fan* (fã, em português). Trata-se de uma publicação despretensiosa, eventualmente sofisticada no aspecto gráfico, dependendo do poder econômico do respectivo editor (faneditor). Engloba todo o tipo de temas, assumindo usualmente, mas não necessariamente, uma determinada postura política, com especial incidência em histórias em quadrinhos”. (WIKIPEDIA). Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fanzine>>.

Rama et.al. (2010) apresenta propostas de elaboração de metodologias de trabalho com histórias em quadrinhos, com muitos exemplos de como unir o material às práticas docentes planejadas. Ainda assim, as propostas para o ensino de Ciências são escassas como é descrito por Pizarro:

[...] a ausência de propostas para uma metodologia que envolva quadrinhos e conteúdos científicos abre uma lacuna a ser preenchida por pesquisadores e professores que desejam se aventurar em práticas que fomentem propostas plausíveis de aproveitamento deste material para a divulgação e educação científica (PIZARRO, 2009)

E apesar de já estarem presentes nos livros didáticos há alguns anos, as HQs são subutilizadas, em especial na área de Ciências Naturais, como confirma Kamel no seu estudo, que comparou as disciplinas de língua Portuguesa e Ciências Naturais:

A ideia de realizarmos um estudo comparativo entre as duas disciplinas partiu da percepção, oriunda de nossa longa prática pedagógica, de que haveria a possibilidade de que em Ciências Naturais, alguns dos recursos de apoio pedagógico, entre eles, as histórias em quadrinhos, poderiam estar sendo subutilizados, principalmente quando comparados aos de Língua Portuguesa, disciplina em que esse tipo de recurso vem sendo empregado há muito mais tempo com resultados satisfatórios (KAMEL, 2006).

Para o ensino de Ciências, as HQs já têm algumas possibilidades a serem exploradas. Nos livros didáticos, as HQs vêm sendo inseridas e estão se tornando um importante passo para a aceitação desta linguagem no meio educacional. No entanto, ainda há dúvidas sobre como essas histórias são selecionadas e o que realmente se pretende com elas no espaço do livro didático. Mesmo sem intenção, muitas HQs trazem conceitos da Ciência e são inseridas em livros didáticos para introduzir conceitos ou complementar conteúdo. Mas Pizarro (2009) alerta que a forma de apresentação da maioria dessas HQs é passível de revisões e questionamentos, já que, a maioria das HQs trazem os discursos científicos de forma equivocada e com erros conceituais. Mesmo sendo dessa forma, e talvez principalmente por isso, servem de material de discussão e reflexão na sala de aula, visto que a criança e o adolescente terá acesso as HQs dentro e/ou fora da escola.

Nesse sentido, a proposta de trabalhar com HQs nas aulas de Ciências vem ganhando mais adeptos. Muitos pesquisadores e cientistas já fazem suas próprias HQs, talvez num esforço de diminuir alguns erros e apagar o preconceito, criado por algumas HQs, de que cientista são sempre loucos. Como a maioria das HQs traz algum tema científico, mesmo que de forma equivocada, é importante utiliza-las para a sala de aula.

Esses conteúdos conceituais fazem parte do currículo em Ciências e, portanto podem ser de grande valia para a prática docente, ainda que a forma de apresentação dos mesmos seja passível de revisão e questionamentos na busca de conciliações viáveis entre o conhecimento escolar e o conhecimento científico. (PIZARRO, 2009).

Elas podem ser utilizadas como iniciação da criança no estudo das Ciências. A Ciência pode deixar de ser algo misterioso para os educandos e ser uma diversão com a ajuda dos quadrinhos. Eles podem ser um dispositivo facilitador ao contato com as Ciências.

Capítulo II - A TURMA DA ESCOLA E A ESCOLA DA TURMA

Para a pesquisa escolhemos uma escola onde já havíamos auxiliado uma colega de mestrado em seu trabalho. A aceitação na escola havia sido boa e a maioria das crianças nos conhecia. Além de contarmos com a colaboração das professoras envolvidas, da coordenadora e do diretor da escola. A escola escolhida é estadual, situada no distrito de Barão Geraldo, no Bairro Jardim Independência, município de Campinas, trabalha apenas com o ensino fundamental I e conta com a clientela de 180 alunos. O prédio possui dois andares, no andar térreo estão duas salas de aula, uma cozinha com despensa, pátio para refeitório, sanitários feminino e masculino e outros dois para funcionários e professoras. Uma sala dividida para secretaria, diretoria e em uma sala pequena onde se encontra o arquivo morto. No andar de cima com duas salas de aula, uma biblioteca, sala de professores e uma sala utilizada pela coordenadora e onde fica a biblioteca exclusiva para utilização dos professores. Há ainda uma quadra poliesportiva ainda descoberta. Na parte de trás da quadra há um terreno que hoje está abandonado, mas onde já houve uma horta.

O ambiente das salas de aula é bem ventilado e iluminado. As paredes possuem mapas e alguns trabalhos que foram desenvolvidos pelos alunos. As salas contam também com armários, utilizados pelos professores para guardar materiais e livros usados nas salas.

As professoras trabalham com projetos durante o ano. Um projeto que pude acompanhar no período de observação foi a confecção de um jornalzinho da turma. A professora selecionava, com os alunos, os temas e estruturas do jornal. Eles também iriam selecionar tirinhas para serem colocadas no jornal. E as notícias eram selecionadas segundo os assuntos discutidos em sala de aula. Como o projeto tinha um tempo maior de elaboração, não pude acompanhar a finalização do mesmo.

O espaço da biblioteca conta com uma TV, um DVD e um aparelho de som. Além disso, os professores contam também com um notebook, um datashow e uma tela para projeção. O acervo da biblioteca conta com livros, revistas, histórias em quadrinhos, mangás e filmes. O espaço é sempre bem utilizado, alunos e professores tem livre acesso e os alunos podem levar os livros e gibis para casa. Há uma professora exclusivamente designada para cuidar e organizar o acervo da biblioteca.

Uma das estantes da biblioteca é apenas para as HQs. As coleções não estão completas e não há nenhum registro na escola sobre qual o projeto/programa que envia este material. Em conversa com a coordenadora da escola, ela apurou que também não havia, até então, nenhuma informação na Secretaria de Educação sobre. O material chega em número variado de revistas e não há padrão na quantidade recebida por cada escola. Na escola em questão o número de revistas variam entre 5 e 10

revistas de cada número. As caixas chegam apenas com a identificação da escola, como destinatário, e da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, como remetente. Em pesquisa feita no site da mesma Secretaria não encontrei nenhuma indicação sobre essas HQs nem como são escolhidas ou entregues.

A proposta da pesquisa foi através de uma oficina com quadrinhos, utilizando as revistas de quadrinhos disponíveis na escola, observar seu potencial para uso como recurso didático nas aulas de Ciências.

Trabalhei com as turmas de 4º e 5º anos do fundamental I. As duas turmas eram caracterizadas por crianças na faixa etária de 8 a 10 anos. Aqui chamarei a turma do 4º ano de turma A e a turma do 5º ano de turma B. Na turma A haviam 18 alunos, sendo 8 meninas e 10 meninos. Na turma B existiam 21 alunos sendo 11 meninas e 10 meninos.

A oficina foi realizada em duas turmas, pois, a maioria das turmas da escola encontrava-se com dificuldades, com trocas de professoras. Mesmo assim, uma das turmas em que trabalhei, turma A, a professora havia assumido a pouco tempo, após a aposentadoria da professora anterior. E os alunos ainda estavam em fase de adaptação com a nova professora. Nessa turma estive com as duas professoras durante a pesquisa. Na turma do B não houve troca.

2.1 A Turma da Mônica como proposta

Nossa proposta inicial era verificar se, ou como, as professoras utilizavam as histórias em quadrinhos. Com o andamento da pesquisa identifiquei junto a algumas professoras, de maneira informal, que a visão de utilização de histórias em quadrinhos era apenas como distração para as crianças. Nenhuma das professoras, com quem conversei, havia usado os quadrinhos como um recurso didático. Na escola onde desenvolvi a pesquisa, as professoras, algumas vezes, utilizavam as HQs disponíveis na escola. Porém, pouquíssimas vezes foram utilizadas como recurso didático. Na maioria das vezes as HQs eram utilizadas pelos alunos apenas quando iam à biblioteca e estimulados a escolher algo para ler, suas escolhas eram quase sempre as HQs.

Dei início ao projeto no mês de Maio de 2012, com o levantamento das HQs que estavam na escola e constatei que, as revistas recebidas eram as da *Turma da Mônica*. Há ainda algumas poucas revistas de Mangá, mas são antigas e seu conteúdo não é adequado às crianças, por conter temas adultos.

Abaixo está lista das revistas encontradas, que são dos anos 2010 a 2012:

Quadro 1 – Revistas encontradas

REVISTAS ENCONTRADAS	Nº DAS REVISTAS
Almanaque da Mônica	10 a 14 – 22 a 30
Almanaque do Cascão	10 a 14 – 22 a 30
Cascão	9 – 20 a 47
Cebolinha	19 a 47
Chico Bento	19 a 47
Magali	19 a 47
Mônica	19 a 47
Ronaldinho Gaúcho	19 a 47
Saiba Mais Turma da Mônica	8 a 40

O objetivo desse levantamento foi conhecer as revistas de quadrinhos disponíveis na escola e selecionar as que poderiam ser usadas na oficina. Dentre as temáticas presentes nas HQs, escolhi a Educação Ambiental para esta pesquisa, principalmente por ser um tema recorrente nas HQs da *Turma da Mônica* e por ser, também, um tema sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacional (PCNs). Nos Parâmetros, a questão meio ambiente constitui um tema transversal, ou seja, deveria ser tratado em todas as áreas do conhecimento (MACEDO, 1998, p. 23). Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

[...] Quando bem realizada, a Educação Ambiental leva a mudanças de comportamento pessoal e a atitudes e valores de cidadania que podem ter fortes consequências sociais. (BRASIL, 1997, p. 23).

A questão ambiental sempre esteve presente nas Histórias em Quadrinhos desde seu início, mesmo antes da questão ambiental se tornar tema importante. Maurício de Sousa já lançou diversas HQs da *Turma da Mônica*, dedicadas ao meio ambiente e várias histórias estão associadas ao tema. No Portal da Turma da Mônica (www.monica.com.br) encontramos diversas tirinhas da turma relacionadas com o tema. Maurício de Sousa, que é o criador da *Turma da Mônica*, iniciou sua carreira como cartunista num jornal de São Paulo em 1959. Seus primeiros personagens foram o cachorro Bidu e seu dono, o menino Franjinha. A partir destes personagens, Maurício criou toda a turma que hoje é sucesso principalmente com o público infantil. A *Turma da Mônica* foi criada por Maurício ainda na década de 60, surgiu primeiro como tirinha de jornal e só virou revistinha nos anos seguintes. Hoje as revistas da *Turma da Mônica* são produzidas pela Editora Panini e as tirinhas são lançadas principalmente pela internet. Muitas dessas tirinhas são divulgadas pelo próprio Maurício de Sousa via redes sociais. Nas

HQs do Maurício de Sousa, como seus principais personagens são as crianças (ou os adolescentes já que agora a *Turma da Mônica Jovem* tomou conta do mercado), eles são sempre os responsáveis por salvar o mundo. Em entrevista a uma revista, o criador da *Turma da Mônica* afirma:

A gente trabalha com milhões de pessoas e milhões de crianças, então temos que contar as histórias muito direitinho, muito certinho, com carinho e, de preferência, botando no meio do lazer algum tipo de mensagem. E logicamente, nos dias de hoje, nós temos que falar da necessidade de cuidar do meio ambiente. (REVISTA AGUAPÉ, 2004).

Com essa afirmação, de que é colocada no “meio do lazer alguma informação”, Maurício de Sousa reforça sua afirmativa anterior de que não tem a intenção de ser educativo. Mas que sempre que possível deixar uma “mensagem” as crianças.

A partir do levantamento feito criamos uma oficina de ensino que utilizasse as HQs e, a partir delas, criar com os alunos as próprias HQs. Pensamos na oficina, como sendo um “tempo e um espaço para aprendizagem; um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto; um caminho com alternativas, com equilíbrios que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer” (CUBERES, 1998 apud VIEIRA; VOLQUIND, 2002, p11). Nesse contexto, começamos tentando gravar as oficinas. No entanto, pelo constrangimento que o gravador trouxe as crianças, resolvemos apenas anotar as oficinas em cadernos de campo.

A ideia foi analisar o potencial e as possibilidades das HQs presentes na escola. E então refletir como as HQs auxiliam os educadores a tornarem suas aulas mais motivadoras e interessantes e como despertar nos alunos o gosto pela leitura? Como refletir, a partir da utilização das histórias em quadrinhos nas aulas de ciências? Como as HQs podem gerar discussões que auxiliem a aprendizagem dos alunos? As Histórias em Quadrinhos podem ser um recurso para a dinâmica das aulas de Ciências?

Das revistas encontradas selecionamos 9 revistas, com 12 histórias em quadrinhos com temática ambiental. No quadro abaixo relacionamos as revistas utilizadas:

Quadro 2 – Revistas selecionadas

REVISTAS	HISTÓRIAS ESCOLHIDA
Cebolinha Nº63	O diário secreto da Mônica, Parte 1; e Em busca da página perdida, parte final
Cascão Nº 45	O desentupidor de bueiro e O sujinho
Cascão Nº 64	Transformação
Almanaque do Cascão Nº 30	Tem uso pra tudo
Chico Bento Nº 62	Lições da natureza
Magali Nº 31	O sumiço dos passarinhos; Agnes, A tenebrosa, parte 2; e Os fantasmas; parte 3
Magali Nº 32	Como era pesada a melancia
Turma da Mônica Jovem Nº43	Tesouro Verde
Saiba Mais Nº 8	História das histórias em quadrinhos

Após o levantamento, foi realizada uma breve observação das turmas selecionadas. Essa observação teve o intuito de conhecer melhor os alunos com quem trabalharíamos.

A oficina foi iniciada no mês de Agosto de 2012, organizada em 3 aulas, uma vez por semana, com duração de 1h e 30min cada. Sempre após o intervalo, horário cedido pelas professoras. Realizada na biblioteca da escola por ser um local dedicado leitura e por estar mais próximos das revistas. As professoras cederam o horário e estiveram presentes nas oficinas apenas como observadoras.

No primeiro dia da oficina foi realizada uma conversa com os alunos para verificar se conheciam bem e quais eram suas preferências com relação aos quadrinhos. A seguir fizemos a leitura da História das Histórias em Quadrinhos, com a revista *Saiba Mais*, nº 8, que faz uma descrição sucinta, da história dos quadrinhos, contada pelo próprio Maurício de Sousa, interagindo com seus personagens. Essa história foi apresentada em slide no Datashow da escola. No fim da apresentação os educandos puderam escolher as suas revistas em quadrinhos preferidas para leitura até o final daquele dia da oficina.

No segundo encontro os alunos tiveram acesso as HQs selecionadas com a temática da educação ambiental. Os alunos foram deixados a vontade, para que todos pudessem ler todas as histórias. Em seguida levantei perguntas motivadoras para uma discussão sobre os temas da HQs lidas. Perguntas sobre: o tema de cada história; sobre qual a importância do tema; se aprendemos algo com as histórias; e quais as atitudes que podemos tomar para evitar os problemas mostrados nas histórias. E por fim, fizemos em conjunto, através do Datashow, a leitura da revista *Turma da Mônica Jovem*

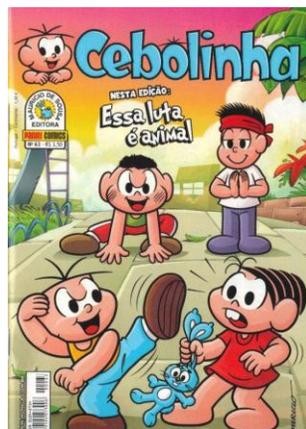
“Tesouro Verde”, nº 43.

No terceiro encontro, retomamos a leitura das HQs que mais foram discutidas no encontro anterior. E partindo deste ponto, foi proposto que os alunos que criassem, em grupo ou individualmente, suas próprias HQs.

2.2 As Histórias Quadrinhos usadas na sala

A *Turma da Mônica* é a revista principal das produções dos Estúdios Maurício de Sousa, mas vários personagens têm suas próprias revistas. Apesar de não haver uma indicação de público clara, ao usar diferentes personagens para nomear seus gibis, Maurício de Sousa parece preocupado em atingir públicos diferentes. Nas revistas de *Cascão* e *Cebolinha* os meninos são sempre os personagens principais das histórias. Em *Magali* e *Mônica* as duas meninas são suas heroínas. Já a revista de *Chico Bento* parece mais direcionada a um público mais simples, ligado ao campo. Há outros personagens que também dão nomes a revistas e parecem dirigidas a públicos específicos: Pelézinho, Ronaldinho Gaúcho (jogadores de futebol de grande influência entre os meninos), Astronauta, Turma da Mônica Jovem declaradamente para o público adolescente, entre outros. As revistas selecionadas foram de alguns personagens que pertencem a *Turma da Mônica*, mas, que tem suas próprias revistas. As histórias selecionadas nas revistas foram sempre com a temática ambiental. A seguir descreveremos as HQs escolhidas para uso em sala de aula.

Figura 1 – Cebolinha, nº63

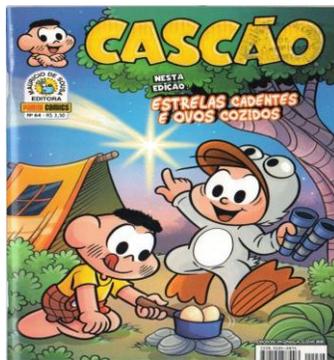


HQs 1 e 2 - Diálogo Secreto da Mônica e Em busca da página perdida

Nesta história Cascão e Cebolinha encontram o diário da Mônica que falta uma página. A

história continua na segunda parte: *Em busca da página perdida*. Nesta parte os dois encontram a página com Monicão (Cachorro da Mônica) e, na tentativa de retirar a página da boca do cachorro, Cascão dá uma “aula de sustentabilidade” para o mesmo, que sem demora lhe entrega a página. O problema é que a página não continha o grande segredo que os meninos buscavam encontrar. E apenas para os leitores esse segredo da Mônica é revelado, quando ela diz que apenas o Cebolinha não sabe que ela gosta dele.

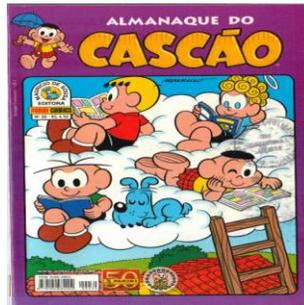
Figura 2 – Cascão, nº64



HQ 3 - Transformando

Cascão cria uma oficina de transformação no bairro e todas as crianças levam seus brinquedos para ele reciclar. Cascão começa por convencer Magali e Cebolinha de que ele sabe fabricar novos brinquedos a partir de brinquedos velhos. Depois outras crianças aparecem e entregam a ele seus brinquedos para serem reciclados. Os problemas começam quando todos que tiveram seus brinquedos transformados querem os velhos de volta. Cascão não pode mais fazer voltar ao que era. Então Franjinha aparece e dá uma bronca nos demais afirmando que, o que o Cascão fez foi “reaproveitar coisas que cedo ou tarde iriam parar no lixo”. Todos desistem de reclamar e ficam satisfeitos com os novos brinquedos. E, por fim, numa conversa entre Cascuda (namorado do Cascão) e Marina (namorado de Franjinha), a história se encerra com as meninas dizendo que “pessoas como eles podem transformar o mundo”.

Figura 3 - Almanaque do Cascão, nº30



HQ 4 - Tem uso pra tudo

Marina está tentando fazer um desenho e sem inspiração rasga e descarta folhas de papel. Cascão chega e a vê rasgando uma folha de papel. Marina que já havia jogado uma folha no chão, apressa-se em explicar que ia jogar a folha no lixo. Então, Cascão começa a mostrar para ela que com imaginação “há uso para tudo”. Ele transforma a folha em uma “espada laser”; depois em um chapéu; um barquinho; num aviãozinho; numa bola de futebol e, por fim, num origami. Tudo apenas com a imaginação. E Marina se convence e reutiliza também o origami em forma de cavalo para ajudá-la a terminar seu desenho.

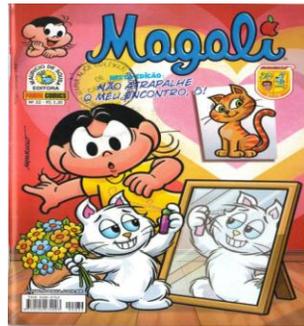
Figura 4 - Chico Bento, nº 62



HQ 5- Lições da natureza

Chico Bento recebe seu primo da cidade. Seu primo chega na roça e quer prender um pássaro na gaiola; arrancar as rosas; pegar as borboletas para colocá-las em um alfinete. Então, Chico Bento pergunta ao primo qual seu problema para ele querer prender todos os animais e plantas. E Chico, diz ao primo que “As Pranta e os bicho faz parte do mundo tanto quanto nois”. E o primo, tenta se explicar que na cidade as pessoas também vivem presas. E eles saem para “curtir a natureza, brincar no ribeirão”. E a história termina com Chico Bento afirmando “Mais um qui andava cas ideia presa... i conseguiu sortá”.

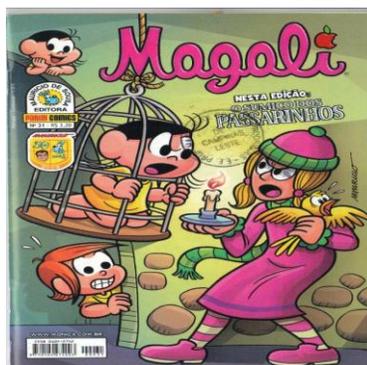
Figura 5 – Magali, nº 32



HQ 6 - Como era pesada

Nesta história não há falas. Apenas as imagens e as metáforas visuais, contam a história. Magali está levando para casa uma melancia enorme, cansada do peso resolve rolar a melancia para chegar em casa. A melancia, então, desce uma ladeira e depois de passar um barranco cai em cima de uma árvore ficando presa. Então, Magali chama (metáfora visual) o Anjinho, personagem que cuida da turma, que aparece desesperado, achando que algo horrível aconteceu. Magali fala para ele da melancia. Ele prontamente, com muito custo, retira a melancia da árvore. Magali agradece e já está seguindo caminho carregando a melancia quando o Anjinho tenta ajudá-la novamente. Porém, alguém pede sua ajuda e ele tem que ir embora. Magali então tenta novamente carregar a melancia. Com o peso muito grande da melancia ela tem uma ideia e resolve cortar a melancia em pedaços e comê-la jogando no lixo as cascas e levando apenas uma pequena fatia da melancia para casa.

Figura 6 – Magali, nº 31



HQ 7, 8 e 9 - O sumiço dos passarinhos, Agnes a Tenebrosa, Os fantasmas

A história, dividida em três partes, começa com Magali disfarçada no parque tentando comprar pipoca sem ser atacada pelos pássaros. Reconhecida pelo pipoqueiro ela entra em pânico, por ter sido reconhecida. Magali então conta para ele que está se escondendo dos pássaros. Mas o pipoqueiro fica surpreso e se lembra de que ele não viu nenhum pássaro durante aquele dia. Magali então se dá conta

que nenhum passarinho apareceu e que até os milhos jogados pelos idosos para os passarinhos estão acumulados, sem que nenhum deles apareça. Magali segue e passa em frente a casa do Dudu (menino que, ao contrário de Magali, odeia comida). Ele está na janela de casa e chama Magali para comer sua comida. Ela comenta com ele sobre os pássaros terem sumido e Dudu faz a mesma queixa, dizendo que eles não apareceram para comer sua comida hoje. Magali sai chateada com Dudu por ele jogar a comida para os pássaros e não dar para ela. E, repentinamente, aparece Mingau (o gato de Magali) correndo atrás de um passarinho. Magali ajuda o passarinho e fica feliz por ela ter encontrado um pássaro. Mingau (que, na HQ, tem seus pensamentos “visíveis” ao leitor) quer seu “brinquedo” de volta e começa a perseguir o passarinho novamente. Dudu e Magali saem atrás do passarinho e verificam que uma garota captura-o. Magali, Dudu e Mingau seguem a garota até a casa dela. Magali fica nervosa, pois reconhece a garota como sendo “Agnes, A tenebrosa”. Começa a segunda parte da história; Magali fica sem saber o que fazer, quando Dudu resolve bater na porta da casa de Agnes. Quando ele volta diz a Magali que Agnes gosta muito de pássaros e leva todos os pássaros que encontra para casa. Dudu acha isso fofo e Magali mostra para ele que não é fofo prender passarinhos. Os dois então resolvem entrar, seguidos por Mingau. O gato é o único que percebe que há um quadro com duas pessoas, que os observam. Um homem e uma mulher saem do quadro assustando o gato, que pula na cabeça de Dudu. O menino sai correndo com Mingau na cabeça e deixa Magali sozinha. Ela então encontra o local onde Agnes escondeu todos os pássaros. O estômago de Magali ronca de fome bem na hora e Agnes prende Magali em uma gaiola.

Começa a terceira parte. Agnes conta a Magali que mora com os fantasmas de seus pais. Então os pais de Agnes aparecem. Eles mandam Agnes se livrar de Magali, que começou a chorar e para eles tem um canto horroroso. Os pais de Agnes a chamam para jantar e Magali aparece na mesa. Agnes leva Magali novamente para a gaiola. Então elas ouvem barulhos e de repente aparecem Mingau, correndo atrás dos pássaros que ele soltou das gaiolas. Os pássaros atacam Agnes e os fantasmas de seus pais. Dudu tira Magali da gaiola e todos saem da casa. Agnes e os fantasmas de seus pais fugindo dos pássaros. Magali, Dudu e Mingau voltam para casa. De volta ao parque, Magali está feliz em ver novamente os passarinhos. Até que ela compra um saco de pipoca e um passarinho à ataca e ela fica furiosa por ele ter roubado seu saco de pipoca.

Figura 7 – Cascão, nº 47



HQ 10 - O desentupidor de bueiros

Chovinista (porquinho de estimação do Cascão) está limpando a casa quando vê na TV uma reportagem sobre enchentes. Na reportagem, o repórter afirma que os culpados pelas enchentes são as pessoas que jogam lixo nos bueiros. Chovinista então sai de casa e limpa um bueiro. Feliz por seu trabalho ele sai pulando e olhando para frente e observa que todos os bueiros estão cheios de lixo. Aborrecido, ele passa a limpar outro bueiro quando passam dois garotos que comendo jogam lixo no chão. Chovinista corre atrás dos dois e Cascão aparece reclamando com ele que “correr atrás de pessoas é coisa de cachorro”. Cascão já está saindo quando percebe que o Chovinista está limpando o bueiro e volta a dar bronca no porquinho reclamando da mania de limpeza dele. Chovinista falando na linguagem dos porcos diz algo a Cascão (que apenas ele entende, não há tradução para os leitores). Cascão então pergunta a Chovinista o que tem a ver bueiro com chuva. E depois, apenas observando o bueiro cheio de lixo, Cascão chega à conclusão de que o porquinho tem razão e lembra-se do alagamento que ocorreu no dia anterior na rua. Começa a ver que se continuar assim as coisas podem piorar e ele ter que sair de casa de submarino.

Cascão se lembra do Capitão Feio (vilão que sempre tenta dominar o mundo e sempre acaba impedido por Cascão e seus amigos) que se esconde no bueiro com seus monstros de lama. Cascão então começa a ajudar o porquinho a limpar o bueiro. Logo outras pessoas começam a ajudá-lo. Quando, ao longe, olhando de um bueiro, um monstro de lama observa o que as pessoas estão fazendo. Corre de volta ao esgoto para informar o Capitão Feio do que está acontecendo. O Capitão Feio está sendo servido por outros monstros de lama e muito feliz por seu plano de invadir os sonhos das pessoas com ideias de sujeira estar dando certo. Com essas ideias as pessoas estão sujando os bueiros e a água não invade mais seus domínios. Chegam então dois o monstro de lama, que tinha observado a limpeza feita por Chovinista e Cascão, e avisa o Capitão Feio. Eles saem correndo para ver o que se passa. Enquanto isso, um repórter de TV está fazendo a cobertura da onda de limpeza que toma conta do

bairro do Limoeiro (bairro onde mora toda a turma da Mônica).

Do outro lado da cidade outro vilão está se preparando para atacar o Cascão novamente. Cumulus, o homem nuvem, que já havia enfrentando Cascão antes, quer vingança por ter sido jogado para longe da outra vez que tentou dar um banho em Cascão. Ele sai para atacar Cascão e o Capitão Feio sai do bueiro com seus monstros de lama e vê o Cumulus passando. Cumulus chega ao local onde Cascão e outras pessoas estão fazendo a limpeza nos bueiros com muita chuva e trovoada. Cascão e Chovinista saem correndo para casa. Capitão Feio e Cumulus entram em guerra e acabam indo parar os dois no bueiro, depois que Cumulus se mostra na sua forma líquida. Então, Cascão e Chovinista que observavam tudo sem entender direito o que acontece percebem que a chuva acabou e que tudo está limpo. Enquanto isso, no bueiro, Cumulus, que na forma líquida toma todo o espaço do esgoto, e o Capitão Feio discutem de quem é a culpa.

Figura 8 – Cascão, nº 47



HQ 11 - O Sujinho

Magali está chegando no bairro com uma nova amiga, Antônia, quando Cascão aparece. Ela o apresenta a Antônia, que não gosta muito dele pelo fato de ser tão sujinho. Assim que Antônia comenta isso com Magali, Cascão pega uma lata no chão da meia volta e joga a lata no lixo. A seguir, passa um menino que joga uma maçã que tinha acabado de comer no chão próximo a Cascão. Ele fica indignado com o menino e dá uma bronca no garoto que, com vergonha, cata a maçã do chão e a joga no lixo. Cascão então sai recolhendo o lixo no entorno da lata de lixo até enchê-la e reclama das pessoas que jogam lixo no chão. Ele então pega a lata de lixo e leva até o caminhão de lixo. Magali e Antônia estavam apenas observando a cena. Antônia então pergunta a Magali porque um garoto tão sujinho se preocupa tanto com a limpeza. Magali responde que Cascão tem medo de que os bueiros fiquem entupidos, e completa: “ Mais do que das chuvas ele morre de medo das enchentes!”.

Figura 9 - Turma da Mônica Jovem, n° 43



HQ 12 - Tesouro Verde

Nessa aventura contada em duas edições todos os personagens são adolescentes. Eles seguem com o amigo Franjinha para a floresta amazônica para conhecer um projeto que ajuda a preservar a floresta. Franjinha como cientista ganha a oportunidade de ir e leva a turma toda com ele: Cascão, Cebola (como adolescente não aceita ser chamado de Cebolinha), Mônica e Magali. Chegando lá eles conhecem o príncipe Safiri e Astro Boy, que é um garoto-robô. Doutor Tenma, Doutor Ochanomizu e professor Licurgo (que na verdade seria o “Louco” das histórias de Cebolinha e nas edições da turma Jovem é professor deles na escola) também estão presentes na excursão. Doutor Tenma é o criador do Astro Boy. Eles foram chamados para conhecer o projeto Onsa Floresta, e são recebidos pelo senhor Amoroso que é administrador do projeto. Ele apresenta o lugar a turma e logo eles encontram os problemas do projeto. Mônica e Magali se encantam com Astro Boy que salva funcionários do projeto de um acidente. E com a ajuda de Mônica eles salvam o dia. Porém, o Doutor Tenma fica insatisfeito por Astro não ter sido o único a salvar o dia.

No decorrer da excursão um vilão aparece falando com pessoas que querem destruir o projeto. E o príncipe Safiri (que só a edição seguinte revelará que é uma menina) se desentende com Mônica. No dia seguinte eles vão dar uma volta na floresta, com o senhor Amoroso de guia, que informa a eles que não devem mexer com a fauna do lugar. Araras passam por eles, dando alerta aos outros animais, de que há homens na floresta, mas os humanos não entendem. Macaquinhos aparecem em torno da turma e o senhor Amoroso explica que eles se tornam agressivos com outros primatas. O macaco ataca cebola e faz carinho em Magali. Franjinha avisa a Cebola que humanos são primatas e senhor Amoroso completa dizendo que eles são afetuosos com mulheres. O macaco rouba um broche de Safiri que sai correndo atrás do macaco. Mônica, que já havia brigado com o príncipe antes, sai correndo atrás dele

por achar que ele está querendo se exhibir. Quando os dois se afastam a turma é cercada por vários animais. Então a cobra que havia tentado atacar Mônica durante a briga com Safiri mostra ao líder deles a menina (Magali) que a havia chamado de feia. O líder dos animais é um filhote de leão branco.

Quanto isso em outra parte da floresta Mônica discute com Safiri por eles terem se perdido. É quando o macaquinho que havia roubando o broche de Safiri joga o broche em Safiri e pula em seu colo fazendo carinho nele. Essa parte da história acaba com a descoberta de Mônica.

A continuação da história que está na Turma da Mônica Jovem, nº44, não será narrada aqui, pois, não foi utilizada em sala de aula.

Figura 10 - Turma da Mônica Saiba Mais, nº 8



HQ 13 - História das histórias em quadrinhos

Nessa revista Maurício de Sousa apresenta a história das histórias em quadrinhos, com os principais personagens da turma da Mônica auxiliando e interpretando os personagens narrados por Maurício. Ele começa com as primeiras pinturas dos homens das cavernas passando à Idade Medieval. Lembrando-se dos grandes personagens dos quadrinhos, como o Yellow Kid que conversava através de frases em seu camisolão amarelo, Tintim e Dick Tracy entre outros. Na segunda parte da revista, Maurício de Sousa fala sobre os Quadrinhos brasileiros e seu precursor Angelo Agostini. Que pela primeira publicação ser datada de 30 de Janeiro de 1869 deixa o Yellow Kid pra trás quando se trata de idade. Então passa a falar dos grandes personagens brasileiros dos quadrinhos: Reco-Reco, Bolão e Azeitona de Luís Sá.

E sem esquecer claro da revista o *Tico-Tico* que, segundo Maurício, é um marco do quadrinho nacional. Ele relata também a chega dos quadrinhos Disney ao Brasil, por volta de 1950, e das adaptações dos clássicos de literatura para os quadrinhos e das biografias de personagens da nossa história que datam da mesma época. Continua a narrativa falando dos heróis nacionais criados também

na década de 50: Raio Negro, Judoka e Escorpião. Além é claro das histórias de terror. Sem deixar de lado o personagem “Amigo da Onça”. Da década de 60 lembra-se de Pererê, de Ziraldo, Satanésio, de Perotti, entre outros. E não deixa de fora os personagens de Henfil e suas histórias de crítica social. Nesse momento, na história, Mônica aparece e fala sobre o próprio Maurício de Sousa que também inicia seus quadrinhos da turma nessa época. Maurício não deixa de citar os grandes nomes de hoje dos quadrinhos nacional como Angeli, Fernando Gonsales e Luiz Gê. E termina comentando que o Mangá japonês também influenciou autores nacionais como Fabio Yabu, Érica Awano e Marcelo Cassaro.

2.3 Um pouco sobre as histórias

Em todas as histórias selecionadas a temática presente, de alguma forma, é a questão ambiental. Em algumas histórias o tema abordado é explícito, como no caso das histórias “Transformação”, da HQ Cascão n.64, “Tem uso pra tudo”, Almanaque do Cascão nº30. Os nomes das histórias já deixam claro que o tema é reciclagem. Outras histórias trazem os temas de forma subjetiva, mais é de fácil identificação. Mas em todas as histórias os temas tratados são sustentabilidade, enchentes, reciclagem, preservação e a ideia de “curtir” a natureza.

As crianças da Turma da Mônica, sempre são responsáveis por “salvar o mundo”. Na maioria das histórias os adultos aparecem como vilões e as crianças e/ou adolescentes tem o dever de cuidar para que o mundo seja preservado. Na história da HQ da Turma da Mônica Jovem essa ideia fica bem clara. A turma é que deve auxiliar os animais a salvar a floresta da devastação, causada por um grupo de madeireiros que querem acabar com o projeto de preservação para poder continuar a derrubar a mata. Na história do Cascão (O desentupidor de Bueiros) o menino e seu bichinho de estimação, o porquinho Chovinista, são os responsáveis por iniciar e incentivar a limpeza dos bueiros. E nessa história também os adultos são os vilões (Cumulus, que aparece na HQ “O desentupidor de Bueiros”, foi um homem que se transformou em nuvem depois de perder o emprego de “homem do tempo” por culpa de Cascão, em uma história anterior).

Na maioria das histórias os homens são responsáveis pela “conduta antiecológica.” Quase sempre são os adultos, mas em alguns casos os meninos são “culpados” também. Apenas uma das histórias utilizadas, uma menina é a “vilã”. Nas histórias da Magali, “O sumiço dos passarinhos”, “Agnes a Tenebrosa” e “Os fantasmas”, que formam uma única história, Agnes é a garota responsável por prender todos os passarinhos do parque. Mas mesmo nessa história, Agnes é influenciada pelos fantasmas de seus pais, os adultos da história. Na história do Cascão, o desentupidor de bueiros, uma

garota aparece jogando lixo no chão, acompanhada de um menino. Esse padrão, de adultos e homens/meninos, “culpados” pela poluição e/ou destruição da natureza vai aparecer também em algumas histórias produzidas pelas crianças, como veremos mais a frente.

2.4 O dia que a Turma da Mônica foi ajudar na sala

Como as atividades da oficina foram basicamente as mesmas nas duas turmas, dei preferência por fazer uma descrição geral, já que apenas no terceiro dia houve diferença na aplicação da oficina, sobre esta atividade farei a descrição separada por turma.

A oficina foi iniciada no mês de agosto, realizada sempre nas quartas-feiras na turma A e nas segundas-feiras na turma B. No primeiro dia conversei com os alunos sobre suas histórias em quadrinhos favoritas, a maioria não conhecia nenhuma outra HQ a não ser as disponíveis na escola. Apenas um aluno, nas duas turmas, conhecia outras HQs que não as da Turma da Mônica. Depois da conversa os alunos foram conhecer a História das Histórias em Quadrinhos, na edição da *Saiba Mais*, nº 8. Como havia apenas uma revista demos preferência à apresentação em Datashow, o que ajudou inclusive na atenção dos alunos na história. Após essa leitura foi dado o restante do tempo para que os alunos e as alunas escolhessem, na estante da biblioteca, as HQs que mais identificassem o seu gosto. Foi possível observar a preferência das meninas pelas edições da *Turma da Mônica Jovem*. Algumas meninas, em ambas as turmas, comentaram que gostavam muito da revista porque elas queriam copiar os modelos das roupas usadas pelas personagens do Maurício de Sousa. Os meninos não tinham uma revista preferida, suas escolhas foram feitas de forma aleatória. Todos conheciam bem os elementos dos quadrinhos, como por exemplo, os tipos de balões, por terem os quadrinhos como uma de suas leituras favoritas.

No segundo dia, os alunos foram apresentados às histórias em quadrinhos que haviam sido previamente selecionadas com a temática do Meio Ambiente. Foi interessante observar na turma B que, durante a leitura, um grupo de cinco alunas resolveu fazer uma leitura compartilhada da mesma HQ, com cada membro lendo um quadro. Nessa leitura as próprias alunas “corrigiam” a maneira correta de ler os balões. Por exemplo, na HQ do Cebolinha, “Em busca da página perdida”, havia um balão de espanto, a menina que fazia a leitura não leu com a ênfase “desejada” e a colega então a “corrigiu” na leitura do balão dizendo: “Não é assim, tem que ser mais assustada”. O que fez todo o grupo rir.

Após a leitura das histórias, os alunos foram levados a pensar nos temas propostos pelas histórias: reciclagem, o problema do lixo nas ruas e as enchentes, a proteção dos animais. Essa

discussão foi feita através de perguntas como: Qual história chamou mais sua atenção? Das histórias lidas qual se parece mais com nosso dia a dia? É possível fazer algo para mudar essas situações apresentadas nas HQs? De todos os temas abordados, o que mais chamou a atenção deles foi o problema do lixo e essa discussão acabou tomando conta das conversas com os alunos, dando exemplos de como deve ser a coleta seletiva e como é errado jogar lixo no chão. Em ambas as turmas os alunos(as) citaram o problema no bairro e que as pessoas não respeitam a natureza. Todos citaram formas de ajudar a cuidar da natureza e de como podemos conscientizar as outras pessoas. Ao final da discussão foi apresentada aos alunos a História da *Turma da Mônica Jovem*, "Tesouro Verde", Edição nº 43. Devido ao tempo utilizado na discussão, não foi possível terminar a história no mesmo dia. Ficando para o próximo encontro.

No terceiro encontro, na turma A, os alunos(as) releeram a história do Cascão, que falava sobre o lixo e as enchentes. Essa escolha foi feita por ter sido o tema mais debatido no encontro anterior. Após a leitura, foi pedido aos alunos que criassem em grupo ou individualmente uma história em quadrinhos, ilustrando a temática do Meio Ambiente. Também foi enfatizado que eles deveriam criar a história e não copiar a que havia sido lida. Ainda assim, alguns deles fizeram cópia da HQ que foi lida. Mas muitos deles produziram sua própria HQ, com seus próprios enredos. Como não houve tempo para continuarmos a História da *Turma da Mônica Jovem*, nº43, as crianças puderam levar a HQ para casa, com autorização da professora, para terminar a leitura. A busca pela história foi grande e a professora da turma fez lista de espera para as revistas.

Na turma B, não entreguemos as HQs como na turma anterior. Essa modificação foi feita após verificar que na turma A alguns alunos fizeram cópias das HQs que foram relidas. Para evitar que isso se repetisse demos preferência por apenas conversar sobre as histórias que haviam sido lidas, lembrando os principais aspectos das histórias, depois pedimos que fizessem suas próprias HQs. Sempre salientando que eles deveriam pensar suas histórias dentro do tema. Nessa turma foi possível observar que não houve cópia da história, mas quase todas tinham como temática a questão do lixo, ou a proteção das florestas.

No que diz respeito a adesão dos alunos à oficina aplicada, apenas um aluno, dentre os 18 da turma A, não quis participar no momento da produção das HQs. Pela verificação que fiz, isso ocorreu porque ele estava chateado por problemas ocorridos com ele durante o intervalo. Como as oficinas ocorreram nos momentos após os intervalos, sempre temos a possibilidade de que os alunos voltem mais agitados. Nesse dia em particular havia ocorrido um incidente com um aluno durante o intervalo, o que deixou boa parte da turma A mais agitada. Mas apenas um aluno não quis participar da oficina

depois. A adesão dos demais se deu da forma esperada. Eles demonstravam até certa ansiedade, pois para eles era uma novidade ter uma aula com quadrinhos. Nos dias em que eles me encontravam nos corredores sempre me perguntavam em qual turma seria a oficina.

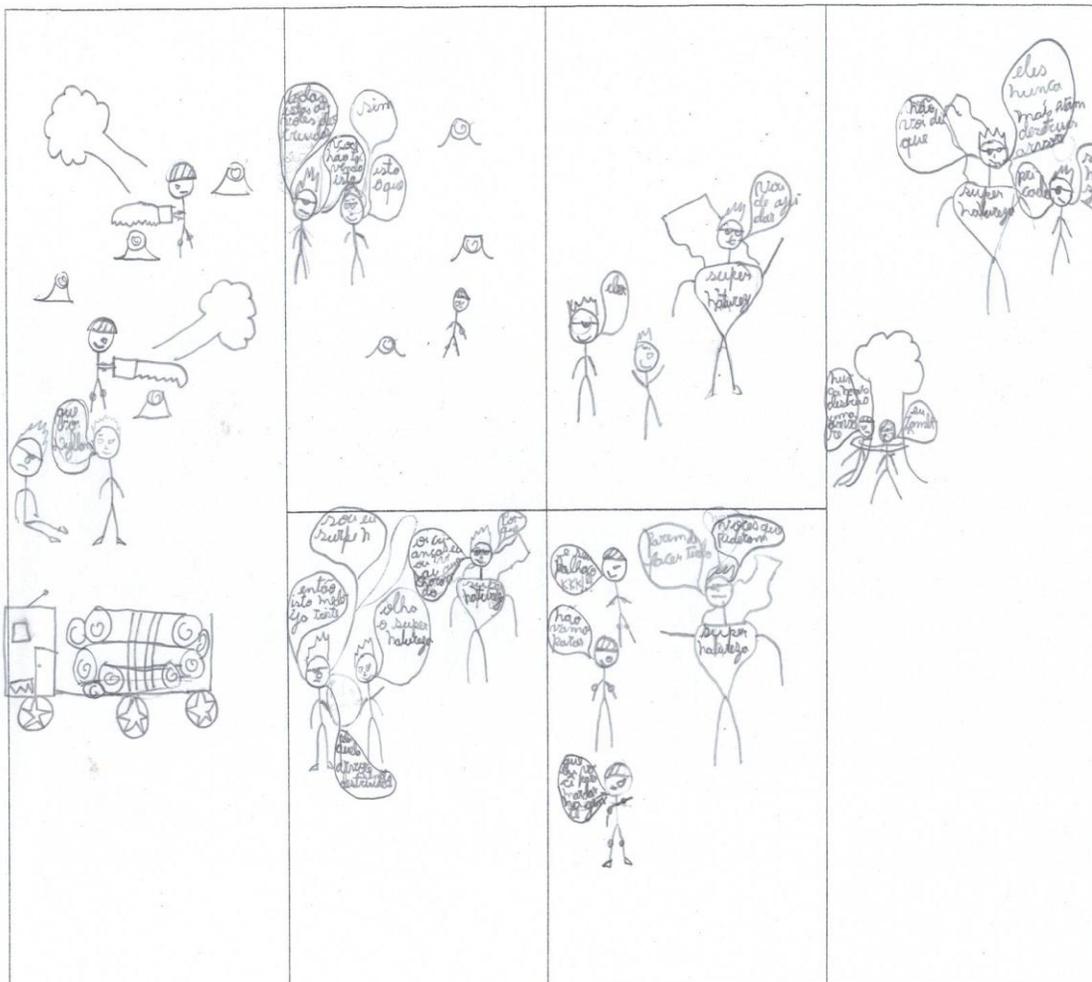
Capítulo III - PERCORRENDO O CAMINHO DAS HQs PRODUZIDAS

Na chegada a escola foi possível observar que as HQs estão presentes, mas não são utilizadas nas atividades educativas. A maioria das professoras, com quem conversei, utiliza as HQs apenas como uma distração. Há professoras que tentam utilizá-las de forma educativa, mesmo não entendendo bem como fazer isso sem tirar o caráter diversão da HQ. Nas conversas com uma das professoras ela afirmou tentar usar a HQ nas aulas. O que verifiquei é que a maioria das professoras usava as HQs em momentos de descontração ou quando alguns alunos terminavam suas atividades e era permitido pegar algum livro na biblioteca para ler, a maioria deles voltava com HQs. No dia em que estava na biblioteca, fazendo o levantamento das HQs da escola, uma professora chegou me perguntando se havia alguma que tratasse de Meio Ambiente. Como já havia feito a maior parte do levantamento, pude indicar uma revista *Saiba Mais da Turma da Mônica*. Nesse momento ela recolheu todos os exemplares, levou para a sala de aula e entregou para os alunos fazerem a leitura. Essa falta de conhecimento sobre as HQs talvez seja uma das maiores dificuldades enfrentadas por professores que desejam utilizar os quadrinhos na sala de aula. Quase sempre o professor corre o risco de tornar o quadrinho mais uma das leituras obrigatórias da escola. Mas essa possibilidade não pode ser o motivo para o professor(a) não utilizar HQs em suas aulas.

A grande maioria das crianças domina a linguagem dos quadrinhos. Algumas delas são consumidoras assíduas de gibis, outras só leem as disponíveis na escola. Mas o fato é que, todas conhecem bem a linguagem dos quadrinhos.

Para facilitar a tarefa proposta entreguei uma folha com os quadrinhos já desenhados, a grande maioria das crianças foi capaz de criar suas histórias seguindo o enquadramento. Apenas um aluno (desenho 1) não seguiu a “regra”. Seu desenho foi feito de lado e sem seguir os quadrinhos, previamente desenhados. A sequência de seus desenhos faz sentido, mesmo que ele tenha usado o enquadramento de forma diferente da que tradicionalmente vemos nas HQs. Mas mesmo esse aluno, demonstrou na leitura dos quadrinhos, compreender bem suas mensagens, seu sentido de leitura. Isso demonstra uma das muitas possibilidades criativas que o enquadramento oferece. E mesmo sem dizer uma palavra sobre a forma de criar os desenhos um dos alunos foi capaz de extrapolar e criar seus desenhos de forma própria.

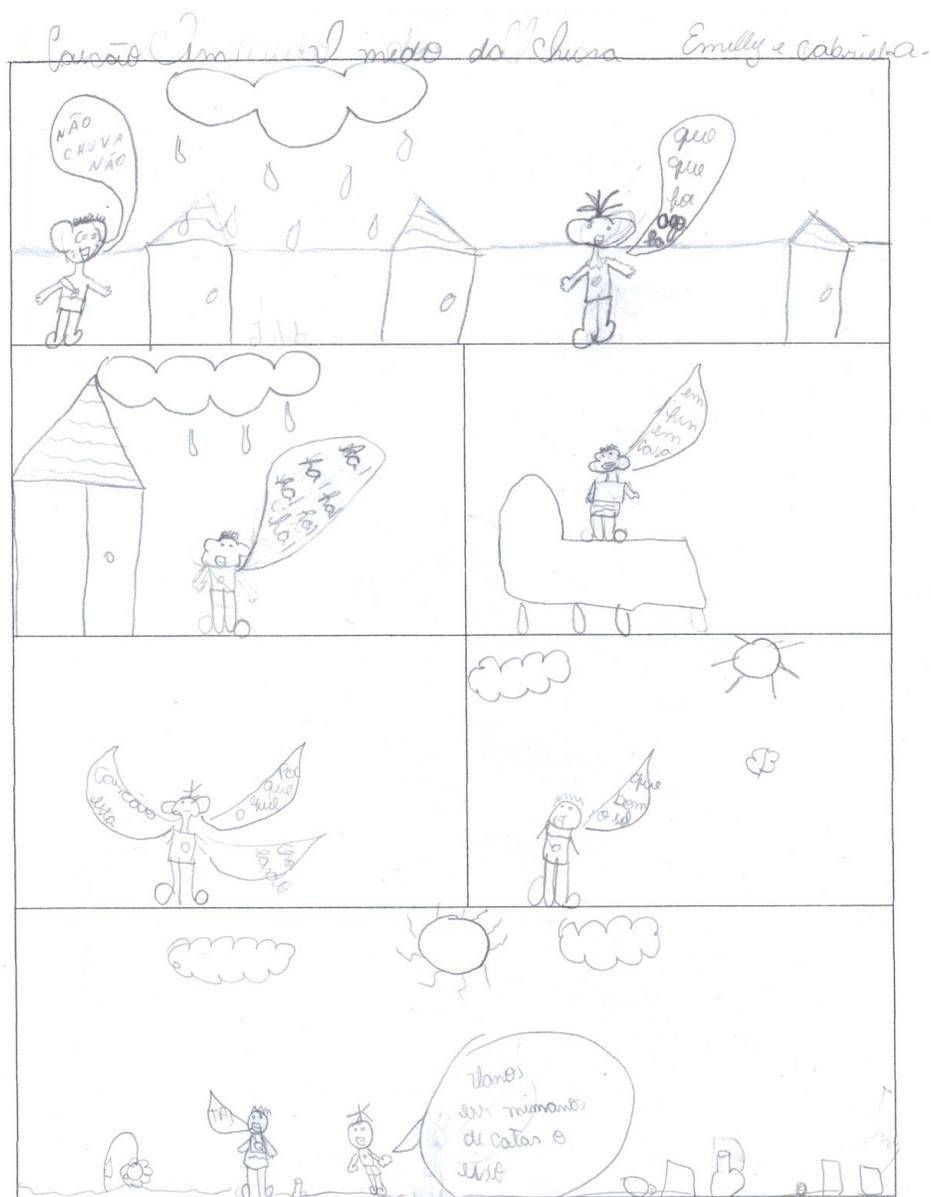
Desenho 1



Dylon

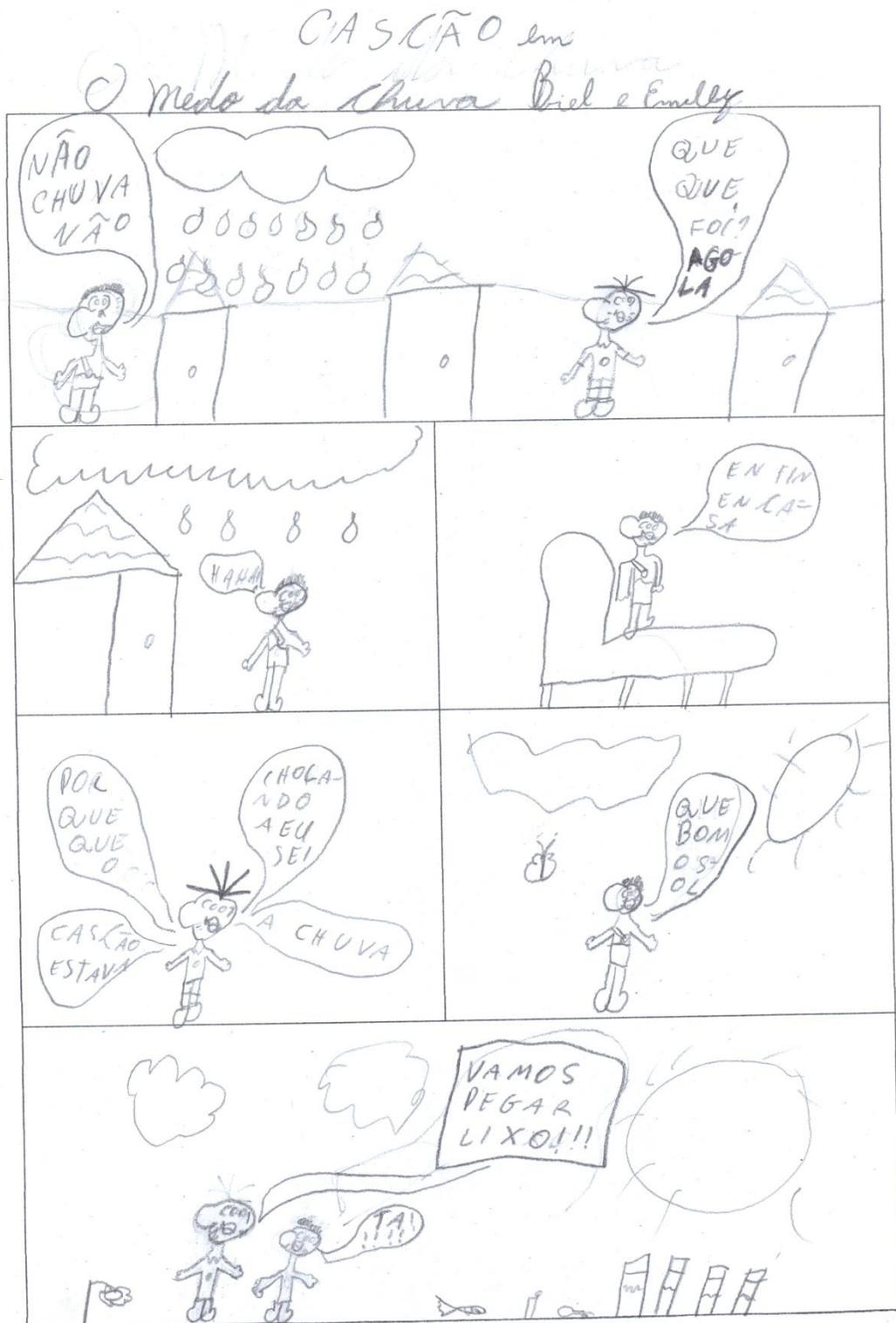
Nas duas turmas houve a participação de todos os alunos presentes na oficina. Foram 17 desenhos na turma A, sendo 9 desenhos dos meninos e 8 das meninas. Na turma B foram 20 desenhos, sendo 10 dos meninos e 10 das meninas. Nas duas turmas houve 1h e 30min para produzirem seus desenhos. A maioria das crianças preferiu fazer seu desenho individualmente. Mas alguns escolheram fazer os desenhos em grupos. Apenas uma dupla foi formada por um menino e uma menina (o que foi uma exceção), que optaram por fazer a mesma história, com cada um fazendo seu desenho (desenhos 2 e 3). Nos demais desenhos, temos sempre duplas ou grupos maiores, quase sempre só de meninas, que fazem seus desenhos como continuação dos desenhos dos colegas ou com o mesmo enredo, com pequenas alterações entre as HQs. Os desenhos individuais são na maioria de meninos.

Desenho 2



Os desenhos 2 e 3, de alunos da turma A, que tem a mesma história, foram produzidos por uma menina e um menino respectivamente.

Desenho 3



3.1 A leitura dos quadrinhos

No momento dedicado a leitura dos quadrinhos todos, inclusive uma aluna com dificuldades de leitura (segundo a professora), conseguiu “decodificar” as histórias, ler na ordem os quadrinhos, compreender cada um dos seus códigos. Pude acompanhar uma leitura feita em grupo por algumas alunas que, por escolha própria, resolveram dividir a leitura dos quadrinhos entre elas. O que foi mais interessante foi observar como elas puderam ajudar quando alguém não entendia um código. Por exemplo, quando uma das alunas demonstrou não entender um balão de espanto, todas as demais alunas do grupo falaram, em conjunto, que ela deveria dar mais ênfase na fala, pois o personagem estava espantado com o que estava lendo.

Figura 11 – Balão de espanto



Isso mostra que apesar de alguns ainda precisarem de alguma “alfabetização na linguagem dos quadrinhos” o próprio grupo consegue ensinar. Isso corrobora a afirmação feita por Bari (2008) quando diz que “a interação dos sujeitos cooperativos que compõe as comunidades leitoras dos diferentes gêneros quadrinhísticos colaboram com a potencialização do letramento” (BARI, 2008, p. 119). A autora afirma ainda que o leitor atinge seu nível de letramento “no convívio com outros leitores e no compartilhamento de experiências pessoais” (BARI, 2008, p. 117). Isso foi claramente observado em nossa pesquisa, nesse pequeno grupo em que as demais alunas ajudaram a colega que ainda não conhecia bem um dos códigos do quadrinho.

Em uma das HQs selecionadas não havia balões de falas (“Como era pesada” - revista *Magali*, nº32), apenas imagens para contar a história. Apenas dois alunos demonstraram dificuldade em compreender essa história. Um deles veio a mim perguntar o que era “pra fazer ali” com aquela história. Mas antes que pudesse responder, uma aluna respondeu que era para ler a história que a imagem contava. Então ela começou a mostrar para o outro como era a leitura das imagens. As próprias

crianças auxiliam umas as outras na leitura dos quadrinhos e colaboram nessa potencialização do letramento (BARI, 2008, p. 117).

3.2 A questão ambiental nas produções das crianças

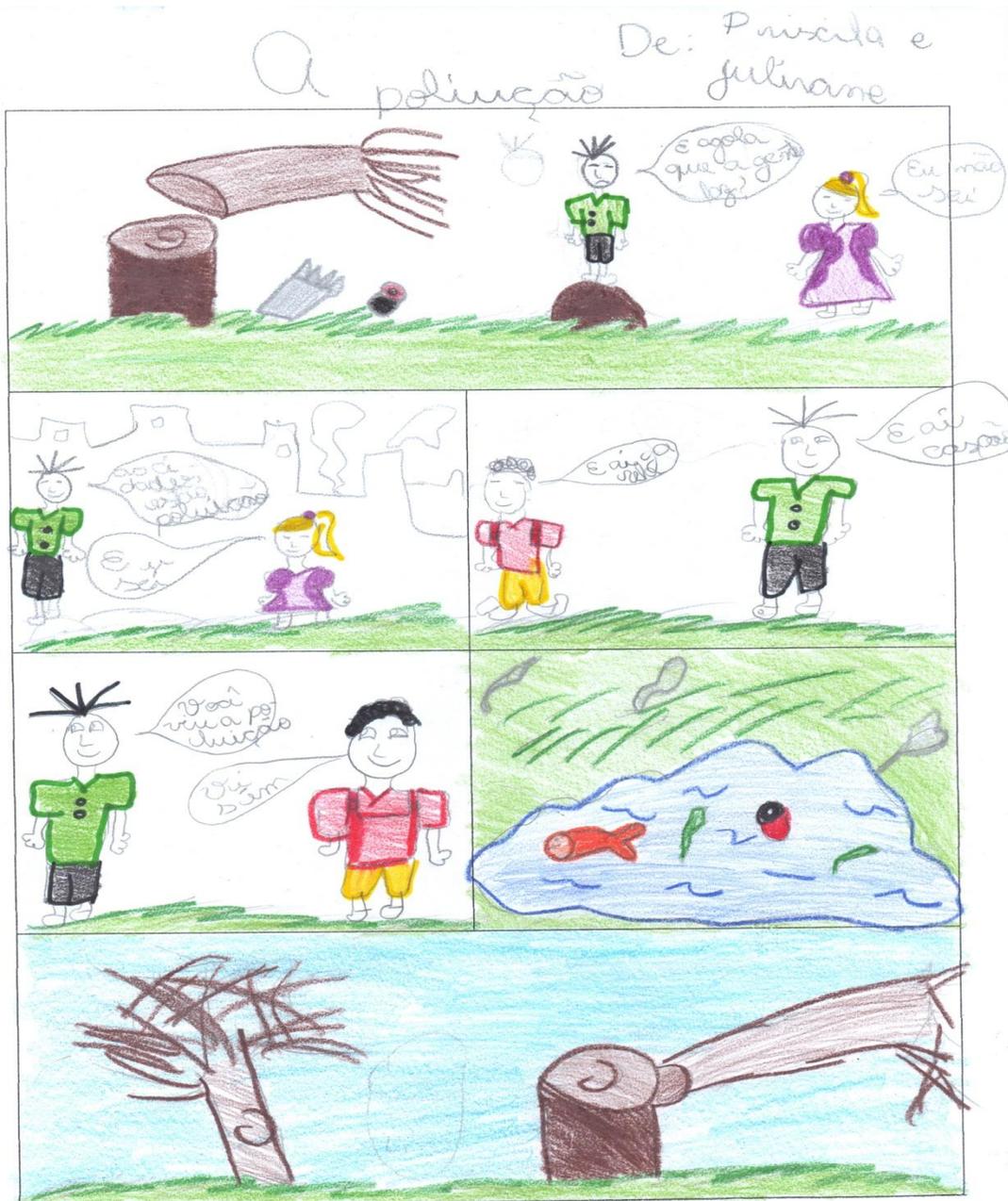
Nas HQs apresentadas às crianças, com a temática da educação ambiental, é possível observar que na maioria das histórias as crianças são retratadas como as “responsáveis” por salvar o mundo. Este “conceito” é muito utilizado nas campanhas de conscientização sobre questões ambientais voltadas para as crianças. Salgado (2012) observa:

Se outrora a criança era vista como um ser marcado pela ingenuidade, fragilidade e incompetência, cujo desenvolvimento dependia estritamente do controle adulto, através de uma educação na disciplina e moralização, hoje ela assume o lugar de protagonista, alvo privilegiado da sociedade de consumo (SALGADO, 2012, p. 120).

Fica, então, a cargo das crianças a responsabilidade de “salvar o planeta”. Muitas são as campanhas (até eleitorais) que fazem uso do slogan: “as crianças são o futuro da nação”. Nos quadrinhos não é diferente, na maioria das histórias em quadrinhos, em especial as utilizadas na escola com o tema educação ambiental ou conscientização ambiental, as crianças são sempre levadas a crer que se elas não fizerem algo os adultos não farão sua parte. Isso é especialmente verificado nas histórias da Turma da Mônica, até porque todos os personagens são crianças. É possível verificar essa mensagem também nas HQs criadas pelas crianças. Na maioria dessas histórias são as crianças seus principais personagens e, em algumas, os personagens de Maurício de Sousa, estão representados por desenhos identificáveis, mesmo que não seja dito explicitamente que são os personagens da Turma da Mônica. Nas histórias das crianças é possível observar, em alguns desenhos, a cópia das histórias em quadrinhos utilizadas. Em outras vemos que elas utilizam os mesmos personagens das HQs, mas criam histórias diferentes das lidas. Na maioria das histórias das crianças é possível ainda observar que elas utilizam os mesmos estereótipos das HQs: os vilões são na maioria homens adultos e as crianças são as responsáveis por salvar o mundo da destruição da natureza.

Em algumas HQs, nós vemos que as crianças acreditam que, se simplesmente pararmos o desmatamento e não fizermos nada mais, a natureza se recupera sozinha. Como veremos nos exemplos abaixo:

Desenho 4



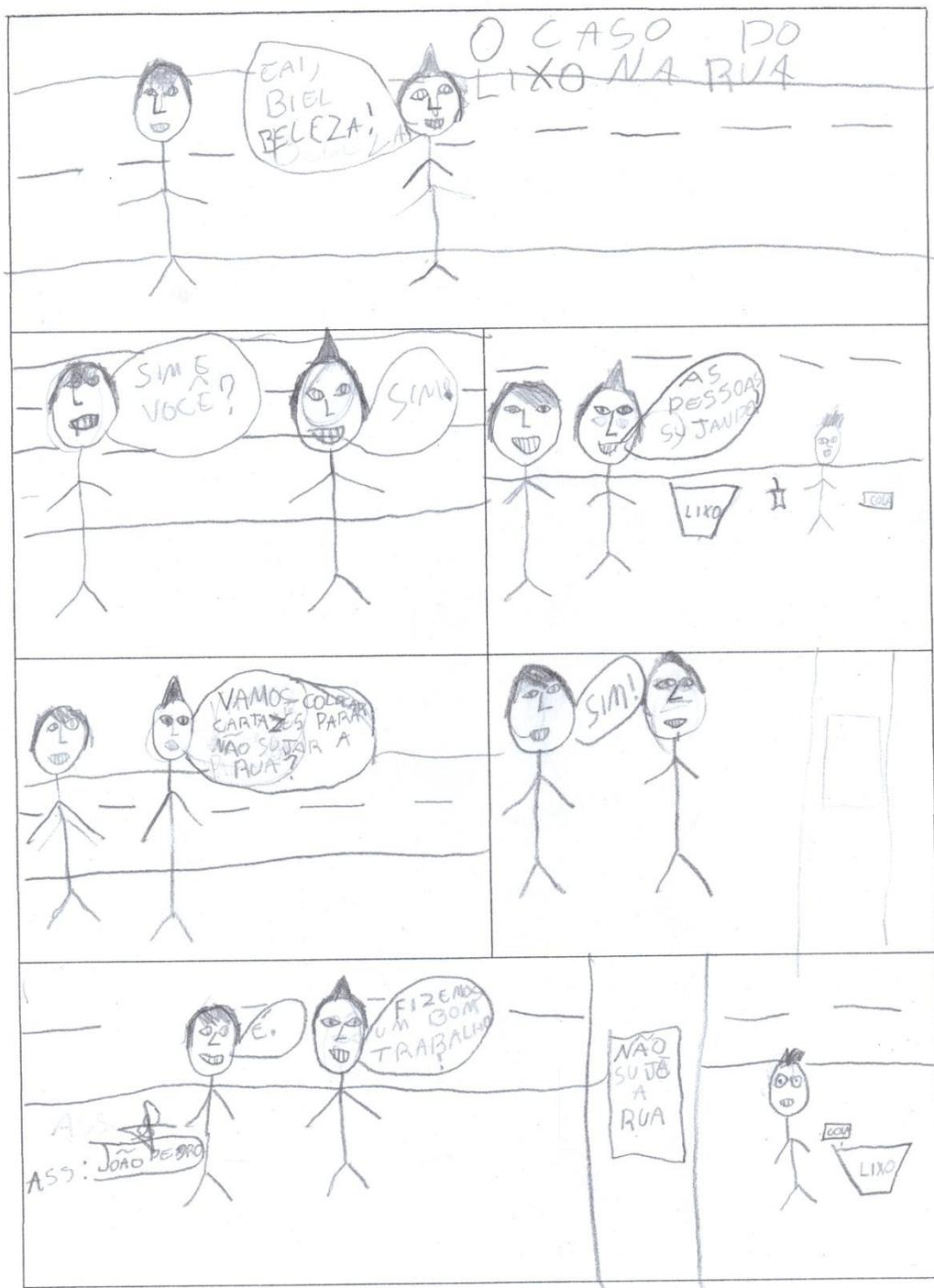
Desenho 5



O que é possível observar nos desenhos 4 e 5 é que juntos formam uma só história e são desenhados por duas alunas, da turma A. Assim como nas HQs que usamos na oficina, essas duas alunas optaram por fazer uma história onde cada uma delas desenhou uma página. Cebolinha aparece

ao lado de uma menina, mas não identificada com nenhuma criança da Turma da Mônica. Cebolinha demonstra preocupação ao ver a árvore caída e pergunta a menina: “E agora o que a gente faz?”, a menina responde “Eu não sei”. Em seguida Cebolinha diz que “as cidades estão poluídas”, a menina responde “eu sei”. A menina apenas desaparece da história e Cascão entra na conversa com Cebolinha. Eles lamentam a poluição e acham que seria bom se houvesse árvores na cidade. Nos quadrinhos seguintes surgem algumas árvores e a árvore que antes aparecia cortada parece estar se recuperando. E no último ela está recuperada. Essa história nos mostra que as crianças identificam o deixar de poluir e/ou desmatar para que simplesmente tudo volte ao normal. Nas HQs usadas na oficina não há nenhuma indicação de que, se deixarmos de poluir, as coisas voltam ao normal. Em especial a HQ da Turma da Mônica Jovem que foi utilizada, a história fala sobre a possibilidade do desmatamento chegar a floresta e suas possíveis consequências. Mas em nenhum momento é mostrado que sem intervenção tudo pode voltar ao normal. Essa ideia, talvez apareça por conta de outras experiências dos alunos (as) com outras histórias ou outros quadrinhos. Podemos ver essa mesma ideia em outras produções dos alunos (as).

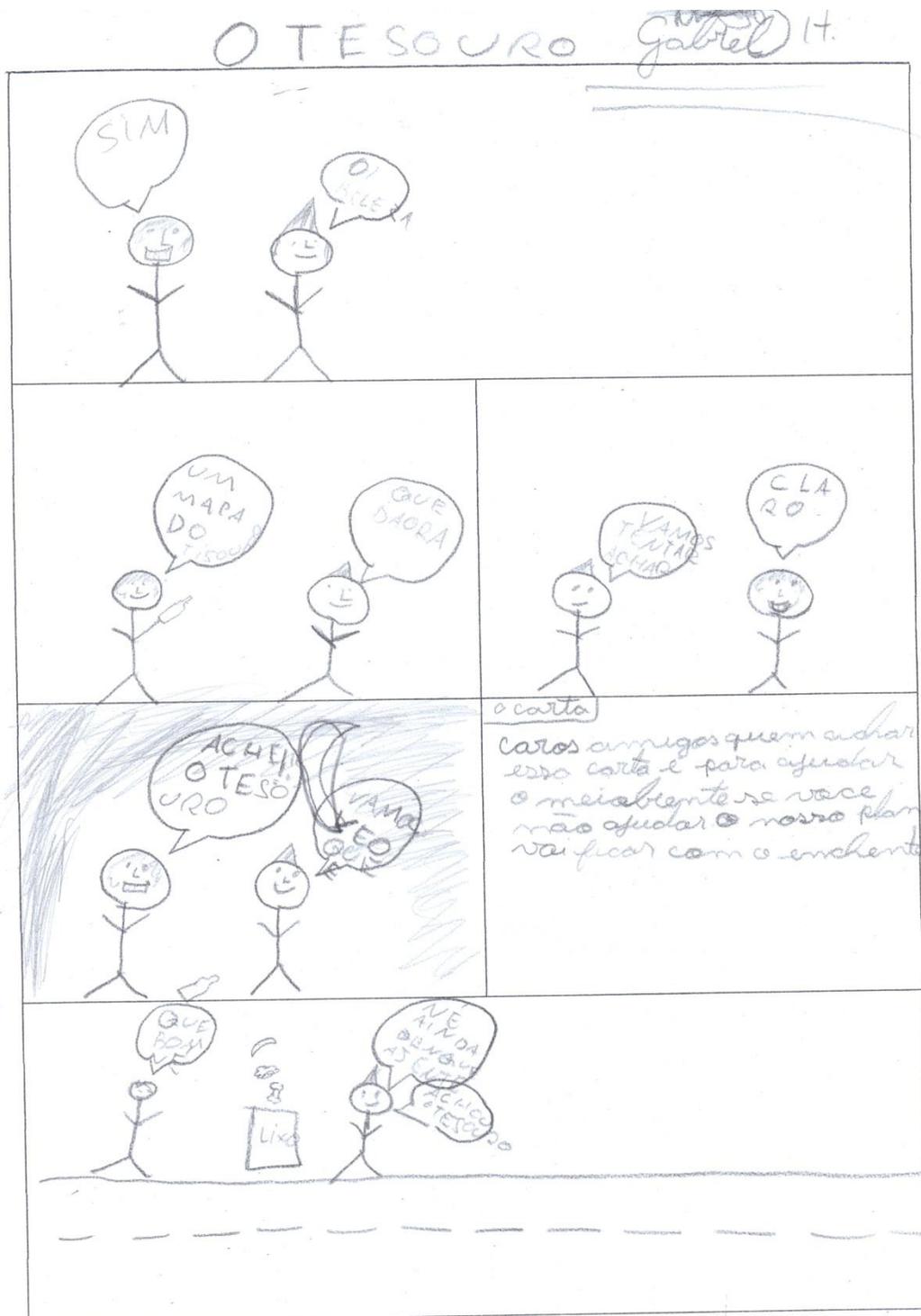
Desenho 6



No desenho 6 acima, feito por um aluno, dois garotos se encontram na rua e observam que as pessoas estão jogando lixo no chão. Juntos decidem fazer cartazes para incentivar as pessoas a não

jogar lixo no chão. Nos quadrinhos seguintes, os meninos colaram os cartazes e a rua já está limpa. Eles acreditam que fizeram um bom trabalho.

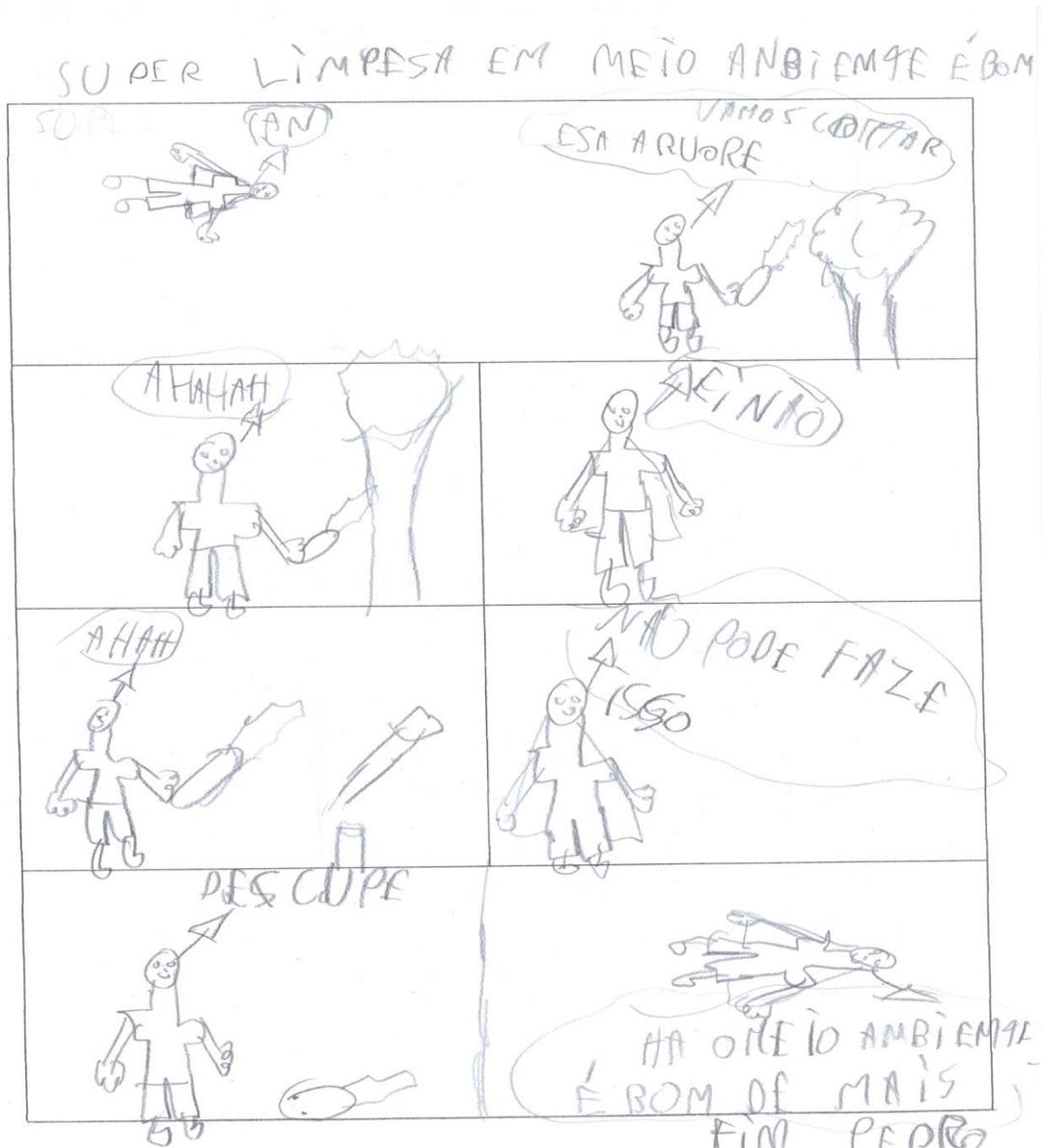
Desenho 7



No desenho 7, acima, desenhando por um aluno, duas crianças encontram um mapa do tesouro

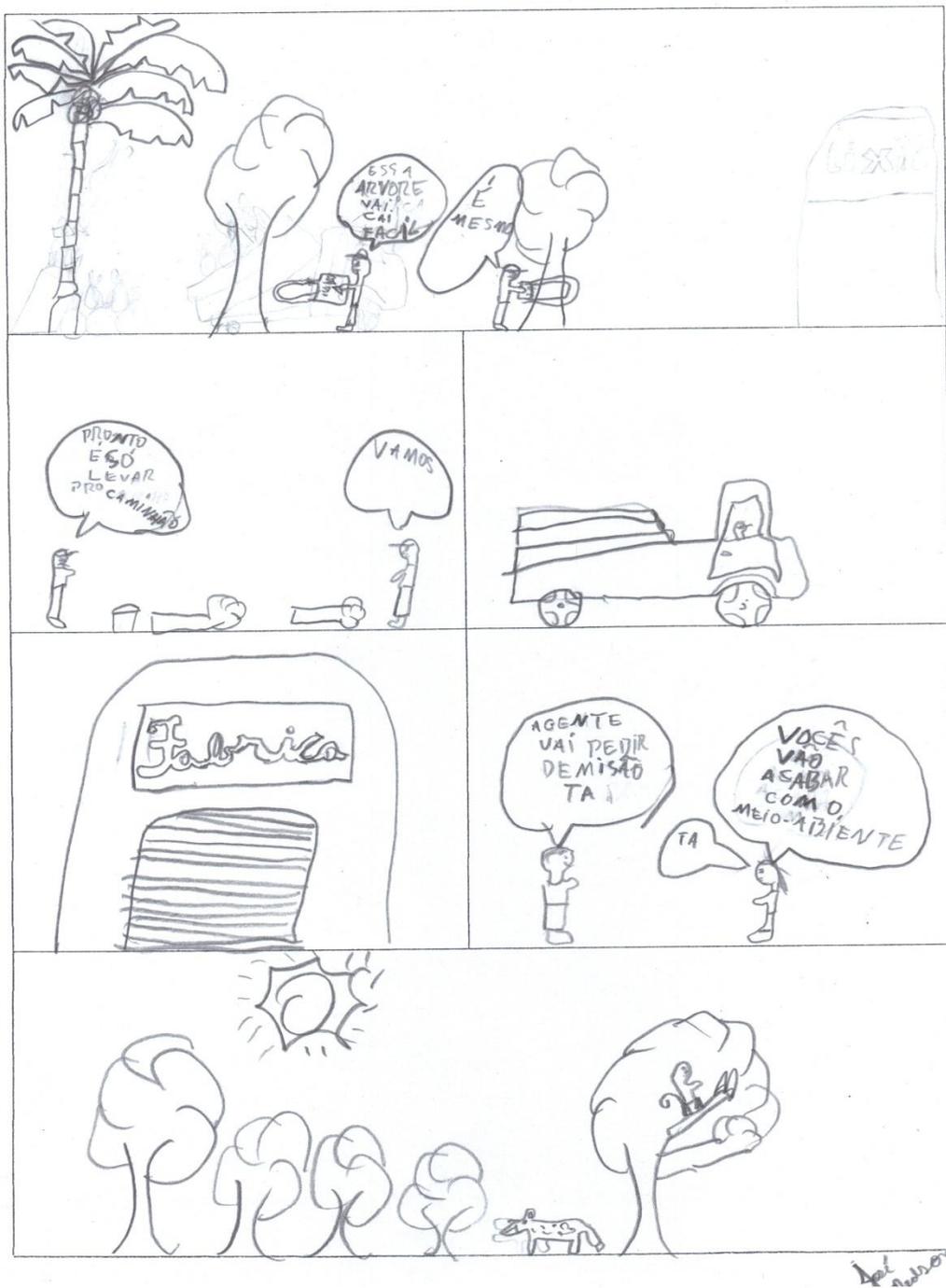
e saem para procurar. Quando encontram, o suposto tesouro é uma carta que diz: “Caros amigos quem achar essa carta é para ajudar o 'meioambiente' e você não ajudar o nosso planeta vai ficar com 'o' enchente”. No quadro seguinte, os dois estão ao lado de uma lata de lixo e felizes, por terem achado “o tesouro”.

Desenho 8



Na história 8, intitulada “Super ‘limpeza’ em meio ambiente é bom”, um super-herói encontra um homem derrubando árvores e pede a ele que não faça isso. O homem pede desculpa e o herói sai voando e afirmando que o meio ambiente é bom demais.

Desenho 9



Em 9, a história parece ser de dois trabalhadores de madeireiras que derrubam árvores, levam uma bronca de alguém e pedem demissão. Nos quadrinhos seguintes a floresta já aparece com árvores e bichos.

Desenho 10



No desenho 10, feito por uma aluna, duas meninas aparecem conversando sobre o rio estar sujo. Nos quadrinhos seguintes, que mostra a passagem de apenas alguns dias, uma das meninas diz

que o rio já está limpo e aparece agradecendo a Deus pelo fato de o rio já estar limpo. Isso indica que os alunos acreditam que ações simples, como colar cartazes, deixar mensagens ou conversar sobre como proteger o meio ambiente, podem resolver o problema. Elas demonstram, nas suas produções, acreditar que basta um pouco de tempo para que as árvores cresçam e/ou que basta um cartaz para que as pessoas deixem de jogar lixo no chão. Essa noção de tempo e espaço pode ser bem aproveitada pela professora utilizando a HQ. Não parece que essa noção equivocada de tempo demonstrada pelos alunos e alunas seja por conta dos quadrinhos, mas seria uma boa oportunidade de trabalhar melhor essa noção, tanto na HQ, como na realidade das crianças. A passagem de tempo nos quadrinhos requer dos autores uma série de artimanhas, que podem ser bem aproveitadas pela professora e mostrar aos alunos (as) que na natureza tudo se passa de forma mais lenta.

Mas há também as crianças que demonstram compreender que é preciso fazer algo para ajudar a natureza. Nos seus desenhos isso é mostrado de forma clara, quando afirmam: “Vamos plantar uma árvore” ou “Vamos limpar tudo”.

Desenho 11



No desenho 11 (acima), de uma aluna da turma B, duas meninas encontram o rio sujo e resolvem limpá-lo, nesta história aparecem as latas coloridas para separar o lixo. As duas amigas então,

recolhem o lixo e colocam separados nas suas lixeiras. Uma delas afirma que limparam a metade. O quadrinho seguinte aparece as árvores e o rio limpo.

Desenho 12



Nos desenhos 11 e 12, de alunas da turma B, vemos que elas fizeram a história com o mesmo enredo, mas com pequenas modificações nos desenhos de cada autora. No desenho 12 vemos o mesmo enredo e modificações, principalmente na fala das personagens.

Desenho 13



No desenho 13, desenhando por uma aluna, duas amigas decidem plantar uma árvore, e nos quadrinhos seguintes mostra uma passagem de tempo, percebida com a árvore e as meninas crescendo.

Desenho 14



Temos nos desenho 14 e 15, mais uma dupla de meninas da turma B que fizeram seus desenhos juntas com a mesma história. Em 14 vemos duas garotas que resolvem brincar na árvore e chegam no

local combinado e não encontram mais a árvore. Uma delas diz que vai morrer por isso. A outra menina então sugere que ela plante árvores.

Desenho 15



No desenho acima a autora também fez a mesma história, com algumas modificações.

Em muitas das HQs produzidas pelas crianças vemos a compreensão de que precisamos fazer algo para mudar a situação de destruição.

3.3 O masculino e o feminino nas HQs produzidas

Outra observação que pode ser feita nas HQs produzidas pelas crianças é que em grande parte das histórias em que aparece um vilão eles são quase sempre homens ou meninos. Essa também é uma observação feita nas HQs usadas na escola. Em quase todas elas seus vilões e heróis são homens. O modo como o masculino e feminino é visto em histórias de desenhos animados também é a mesma. Na Turma da Mônica é uma exceção, enquanto na maioria das histórias os meninos e/ou homens são os heróis, a heroína da turma é a menina. Nas HQs que utilizamos, quando os personagens principais, são Cascão e/ou Cebolinha, eles é quem são os “heróis” das histórias. Isso parece influenciar as histórias dos alunos, visto que, em muitas das histórias produzidas, são meninos os heróis. Podemos observar isso nos desenhos 8 e 15 (abaixo). Nem todas as produções dos meninos trazem super-heróis, mas, em quase todos, os meninos são quem ajudam natureza. E as meninas quase nunca aparecem nos desenhos dos meninos. A narrativa dos meninos parece ser feita para meninos. E as HQs de Maurício de Sousa parecem reforçar essa cultura de separação. Quando ele produz as HQs próprias de Cascão, Cebolinha, Chico Bento e outros meninos da turma, ele acaba por produzir HQs com histórias em que os meninos são os heróis e em que as meninas quase não aparecem.

Desenho 16



Apenas nas HQs produzidas pelas alunas as meninas são as personagens principais da história. E sua atuação é sempre ligada às tarefas domésticas e nunca ao heroísmo como dos meninos, que tem

personagens que voam e que lutam com vilões do meio ambiente. Salgado citando Scott afirma:

Para além das oposições binárias, que demarcam o masculino como território da virilidade e fragilidade, há que se pensar no gênero, diz Scott (1995) como arena de relações sociais entre os sexos que definem construções identitárias e culturais. Nessa perspectiva, o gênero remete a uma categoria social que estabelece distinções a partir dos papéis sexuais atribuídos a homens e mulheres. (SALGADO, 2012, p.126).

Esses papéis de homem e de mulher são evidenciados nas HQs dos(as) alunos(as). Nas histórias dos desenhos 17 ao 20, onde quatro alunas criam uma história com continuação no desenho da outra, com o título de “4 amigas em Todos Juntos”, elas elaboram uma história por partes, como vemos em algumas das HQs que foram sugeridas para a leitura na oficina. Na história contada por partes cada aluna ficou responsável por uma parte e chegam a colocar nas histórias parte 1, parte 2, parte 3 e parte 4. Em cada parte as personagens parecem estar conversando com o leitor (recurso também usado por alguns autores de HQs) e elas estão dando dicas de como ajudar a manter o planeta limpo.

Na parte 1 (desenho 17) o primeiro quadro parece ser a cidade poluída. Nos quadrinhos seguintes uma menina aparece ao lado de uma casa com alguns sacos de lixo, em seguida aparece um caminhão que indica que é do lixo, pois os sacos que estavam no chão aparecem no caminhão. A menina diz “ está limpo!!!”, a cidade aparece novamente no quadrinho seguinte, só que agora com flores ao invés de poluição. Duas meninas aparecem depois e uma diz a outra “Mantenha nosso planeta limpo!!!” e a outra responde “Sim!”.

Na parte 2 (desenho 18) uma menina de cabelos longos aparece dando dicas de como deixar o planeta limpo e economizar água. A menina pede que “Não deixe a torneira aberta”, “ ‘feixe’ a torneira quando for se 'ensabuar' ”, “Quando for lavar o quintal use um 'paude' e uma 'vasoura' ”, “Não! Não use a torneira para 'lar' o carro! Use 'uma' 'baude' ou leve em um lava 'rapido’”, “Não deixe a torneira 'aperta' quando estiver 'ensabuando' a louça”. Nesse momento entra uma nova personagem e as duas começam uma conversa, uma diz: “Oi amiga”, a outra responde: “Oi que faz de bom?”; a primeira responde: “Estava dando dicas 'sobe' a economia da 'água' ”, a outra diz: “Que legal”. Então, a primeira personagem reaparece sozinha num lugar que parece ser um campo, no canto de cima está escrito “Depois” e a personagem diz: “Nossa como esta tudo limpo obrigado por 'cuida' da natureza”.

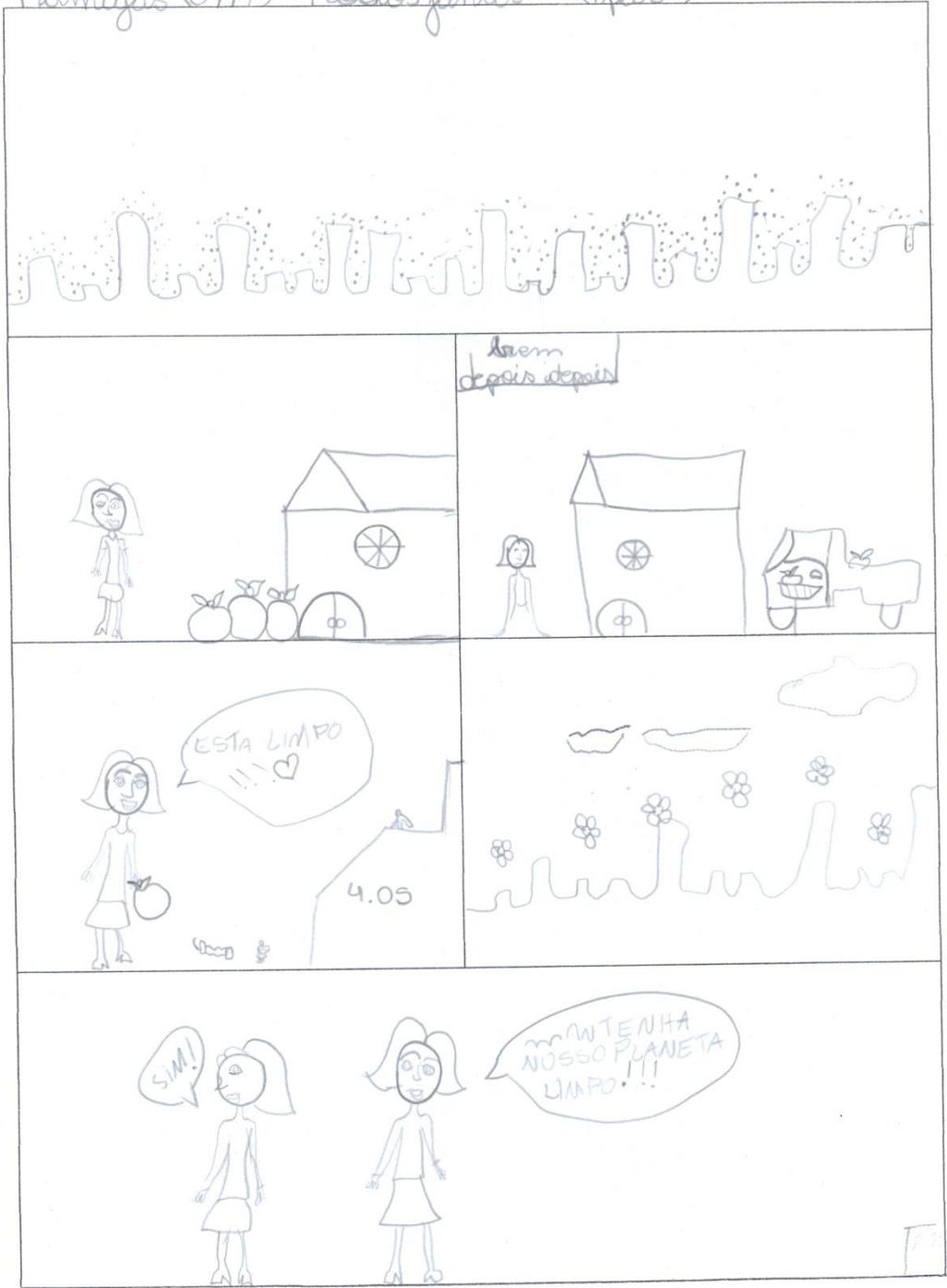
A parte 3 (desenho 19) da história já começa com o recurso do “Depois” e com uma menina com uma vassoura na mão e que parece ter limpado a rua e diz: “limpe sempre sua rua”, “Depois jogue tudo no lixo”, “E depois tampe o lixo”. A seguir aparece um menino (identificado por um boné) que joga lixo no chão ao lado da lixeira, a personagem se assusta e diz ao menino “ não faça isso” e o menino pergunta: “por que?”; a menina prontamente responde: “Por que se não o nosso planeta vai

'pur' 'água' abaixo”; o menino então cata o lixo e vai jogar dentro do lixo e fala: “ 'e' verdade”. Na parte 4 (desenho 20) começa com a frase: “mais tarde...”. Uma menina aparece na janela de uma casa pensando (o balão parece indicar pensamento por causa do recurso dos pontinhos, que indica balão de pensamento): “ 'limpo'!”), em seguida um personagem que parece ser um menino jogou um papel no chão e uma menina aparece e lhe diz: “PEGA DO CHÃO” e o menino responde: “NÃO” (pelo tamanho da letra o desenho parece indicar que os personagens gritam). Surgem mais duas meninas e a primeira ainda briga com o menino: “PEGA DO CHÃO E JOGA NO LIXO”. Então o menino e duas meninas saem de cena, uma das meninas aparece com uma vassoura e parece varrer o chão. No quadrinho seguinte aparecem flores e uma árvore e novamente as três meninas aparecem e falam “É ISSO AI GALERA!”.

Os desenhos de 17 a 20 estão nas páginas a seguir:

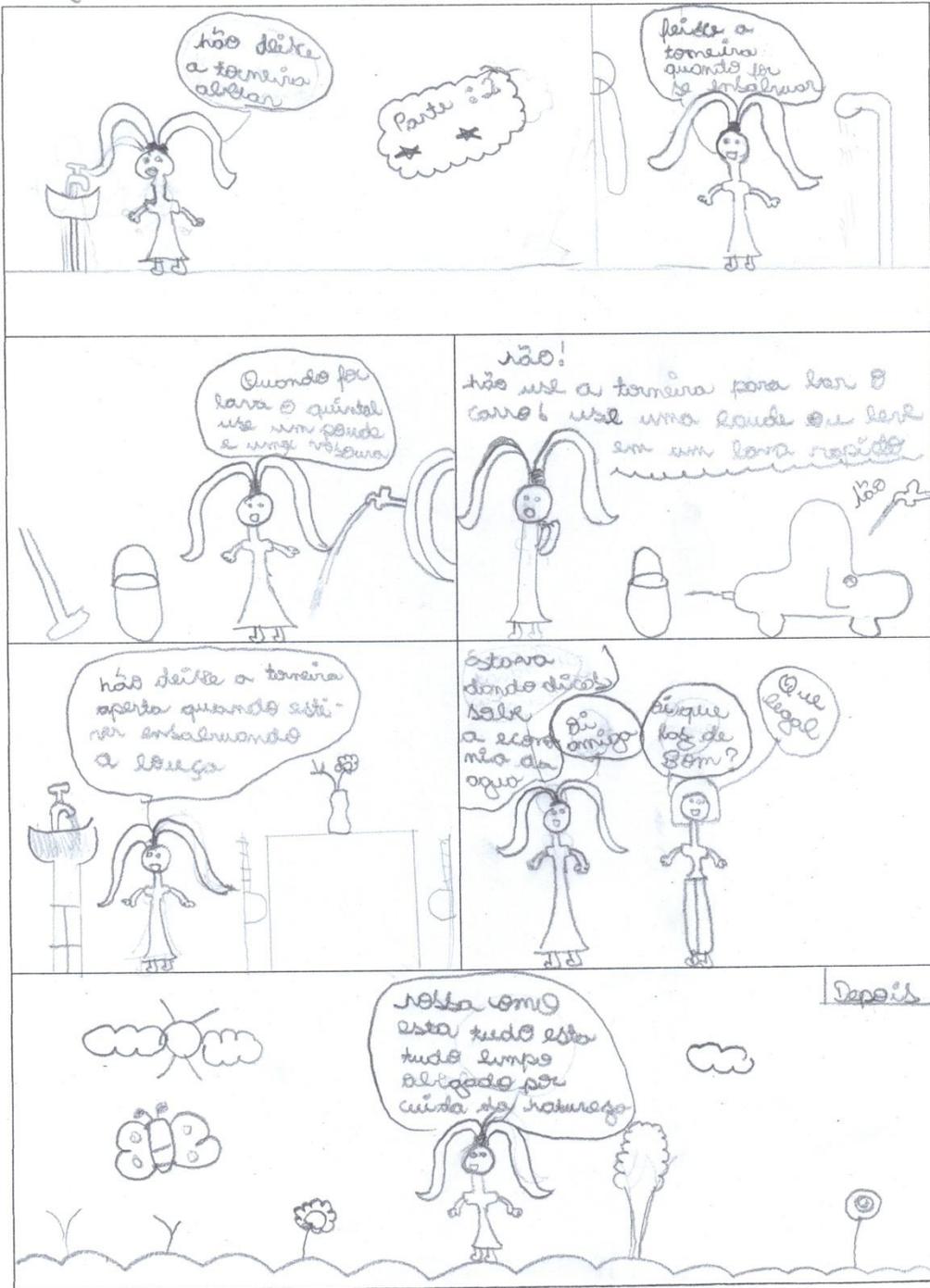
Desenho 17

Gabriel
4 amigos em Todos juntos (parte)

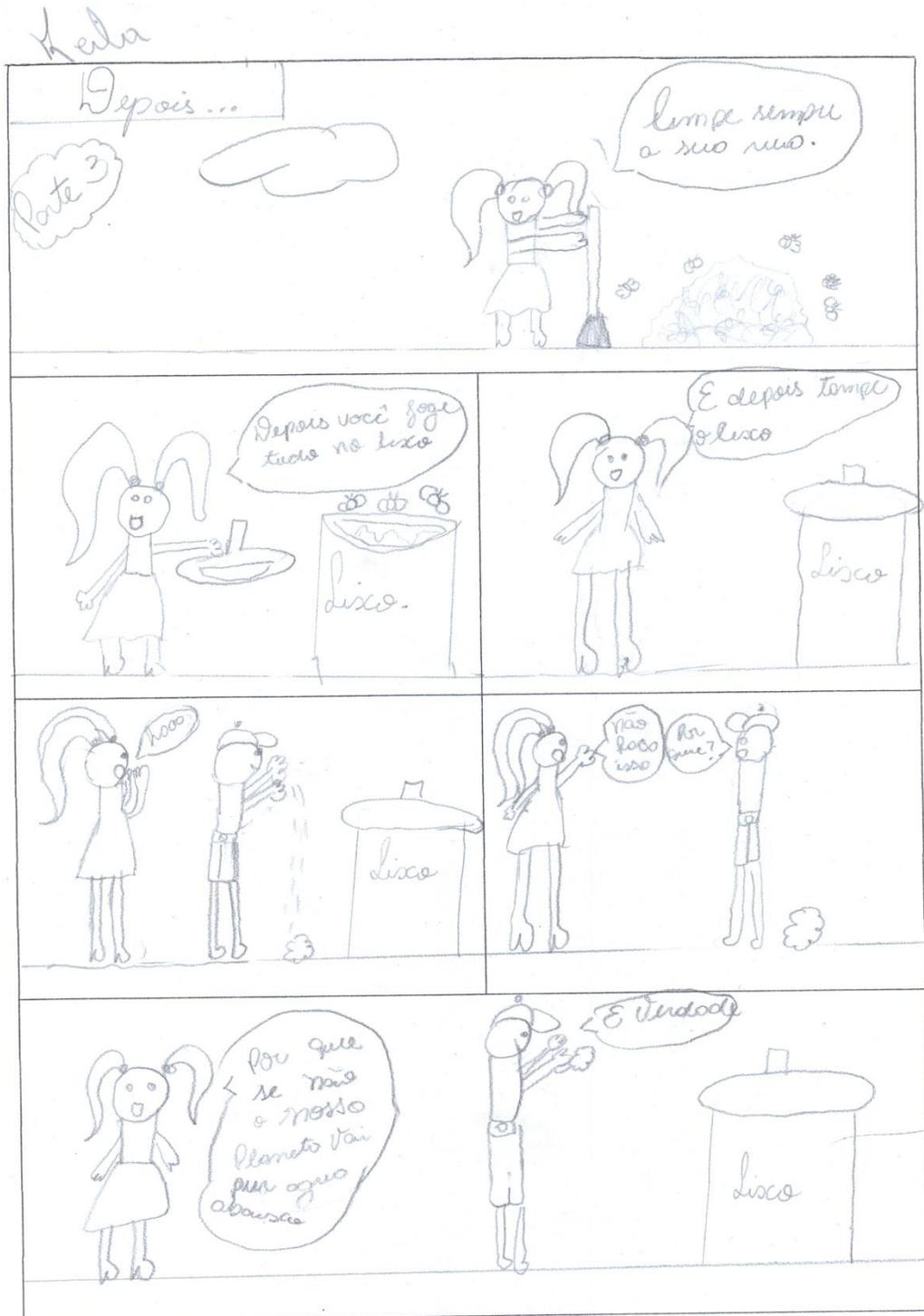


Desenho 18

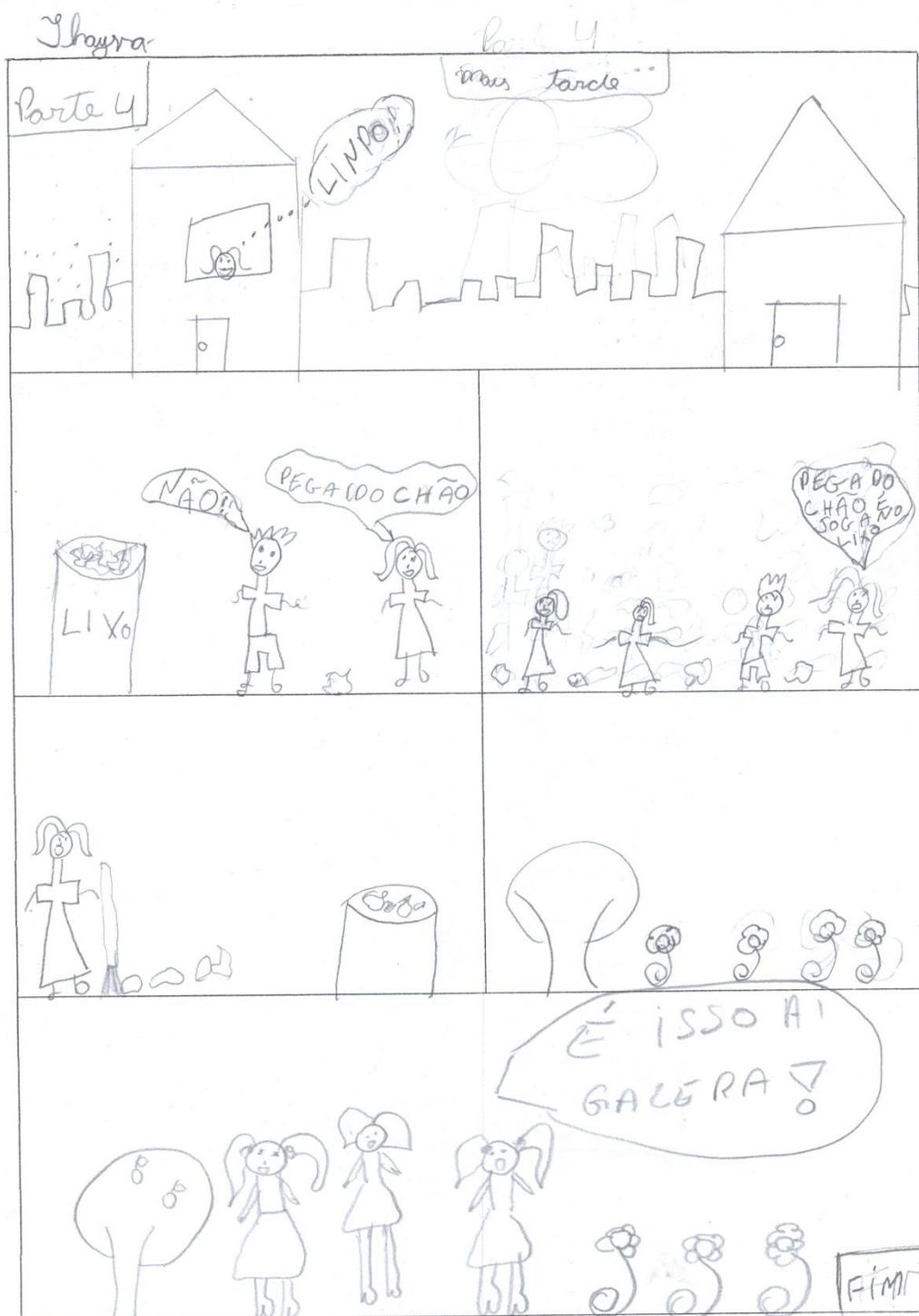
Guilherme



Desenho 19



Desenho 20



Parece que as 4 amigas são as próprias autoras da HQ, porque em nenhuma das páginas ou partes, como elas identificaram, aparecem 4 amigas juntas, são sempre 2 ou no máximo 3 meninas. Essa HQ, produzida a 4 mãos, evidencia um discurso comum de que “meninos sujam e meninas fazem

limpeza”.

As mulheres é quem têm o papel de manter a limpeza. Na maioria das HQs das meninas esse discurso fica claro. Em quase todas as HQs produzidas por meninas, nas duas turmas, não há meninos presentes ou quando eles aparecem são os responsáveis pela sujeira ou destruição da natureza. Em algumas das histórias produzidas por meninas encontramos a reprodução dos personagens de Maurício de Sousa ou mesmo cópias das HQs lidas na sala. Em uma delas, na história intitulada “salvando o meio ambiente” (desenho 21), há a reprodução dos personagens de Maurício de Sousa, dois meninos, que parecem ser Franjinha e Cebolinha, conversam e ao final deixam “um recado: Cuide do Meio Ambiente”. Infelizmente essa HQ não tem os diálogos compreensíveis, pois sua autora pintou também os balões das falas tornando-os de difícil compreensão. Apesar de não ter copiado uma das histórias lidas na oficina a autora utilizou os personagens de Maurício de Sousa e, talvez, por esta razão, está foi a única história criada por uma menina em que dois meninos aparecem realizando boas ações para o meio ambiente.

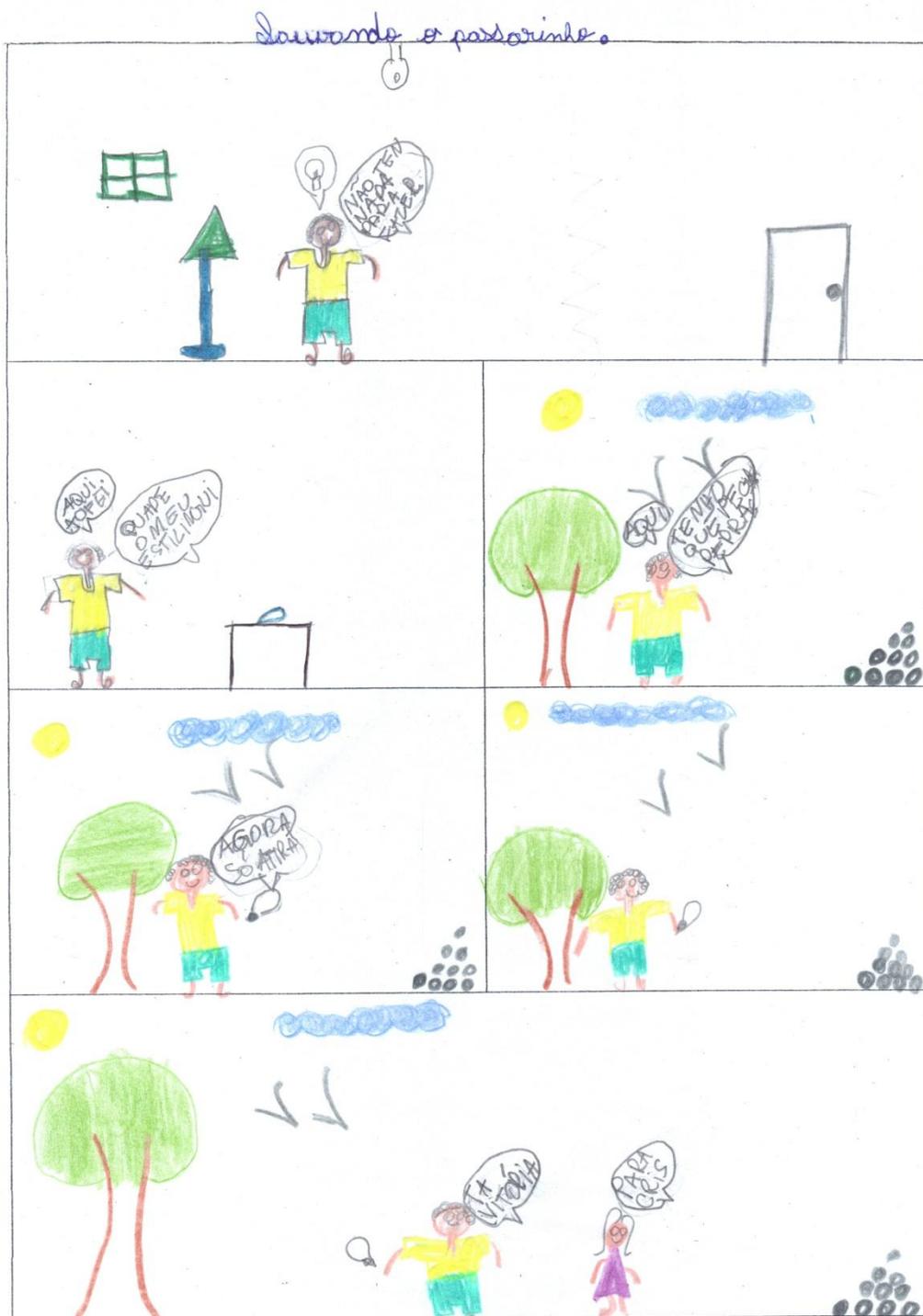
Desenho 21

Autora: Juliana Soares Araújo da Silva

**TURMA DA MÔNICA
SALVANDO O MEIO AMBIENTE**



Desenho 22



7/1/10

Já na HQ produzida por outra aluna, da turma B (desenho 21), intitulada “solvando’ o passarinho”, um menino aparece querendo matar passarinhos com estilingue e uma menina pede a ele

que pare, o menino responde simplesmente: “ta Vitória”. Na grande maioria das HQs produzidas pelas meninas é possível observar que suas personagens são as responsáveis pela limpeza e/ou manutenção do planeta.

Já nas HQs dos meninos os super-heróis são maioria. As meninas nunca aparecem nas histórias, como visto, nos desenhos 8 e 16.

Desenho 23



Em apenas uma HQ (desenho 23), produzida por um aluno da turma B, aparece uma mulher,

representada pela professora, que ensina que não se deve jogar lixo na rua.

Em todas as demais histórias os meninos ou homens são os responsáveis pela destruição ou pela poluição. Mas há sempre um herói ou outro menino que ajuda a “conscientizar” ou a “derrotar” o poluidor/destruidor. Isso é próprio dos desenhos dos meninos. Outra característica que se mostrou também própria dos desenhos dos meninos foram os desenhos com policiais. Em alguns desenhos os policiais aparecem como “heróis”, ajudando a prender ou a conscientizar o “inimigo da natureza”, como nos desenhos abaixo:

Desenho 24



No desenho 24, feito por um aluno da turma B, intitulado “Capitão Natureza”, o super-herói é reconhecido por um menino. O “Capitão Natureza” diz ao menino que vai mostrar um vídeo para ele. Nos quadros seguintes vemos um homem derrubando uma árvore; um caminhão carregado com árvores cortadas; um carro que parece ser de polícia; um policial prendendo o homem que estava derrubando as árvores.

Desenho 25



No desenho 25, produzido por um aluno na turma B, algumas pessoas estão matando passarinhos e um policial aparece e as prende. Em outro quadrinho algumas pessoas aparecem rindo e novamente os policiais aparecem para resolver a situação.

Essa aparição de um policial pode ser explicada pelo fato da Polícia Militar estar fazendo um trabalho na escola, de prevenção às drogas, no mesmo período em que ocorreu a oficina. E, para os meninos, os policiais aparecem como os heróis da história.

Capítulo IV - O QUE FICA DA PESQUISA COM AS HQs

Pudemos responder, com a nossa pesquisa, as perguntas que nos fizemos ao iniciá-la. Encontramos as HQs disponíveis na escola, mas os alunos tinham acesso a elas, na maioria das vezes, apenas para momentos de descontração. Alguns professores tentavam utilizá-las como recurso didático, mas com pouca ou nenhuma informação de como elas acabavam sendo subutilizadas. Durante a pesquisa observamos que as professoras que afirmaram utilizar as HQs, ou usaram em momentos de descontração ou utilizaram na aula apenas como um complemento do que haviam planejado, sem uma prévia preparação.

A ansiedade apresentada pelas crianças, antes e durante nossa pesquisa, foi impressionante. A professora da turma onde realizei a observação, ao me apresentar aos alunos, informou qual seria meu trabalho com eles. A sala ficou em alvoroço ao saber que seria com HQs, com as crianças falando todas de uma só vez. Durante as oficinas, observamos que os alunos tiveram muito interesse pelo tema educação ambiental e pelas HQs. Todos conheciam bem as HQs utilizadas, visto que era de uso no seu dia a dia na escola e fora dela. A maioria dos alunos não demonstrou dificuldades em ler ou em produzir HQs. Isso mostra seu grande potencial para utilização em sala de aula. Carvalho (2010) observou em sua pesquisa que os alunos entendem que, na escola, os quadrinhos estão, não apenas para entretê-los, “mas para auxiliar no processo de aprendizagem, reconhecendo o caráter lúdico da proposta” (CARVALHO, 2010, p. 212). Para os alunos(as) os quadrinhos na sala de aula são um estímulo a mais para as aulas.

A oficina mostrou que as HQs podem ser usadas, tanto pelo leitor já acostumado com os seus códigos, como por leitores iniciantes. Observamos também que podem ser usadas para despertar o interesse de crianças e adolescentes pelos livros e auxiliar os professores a se aproximarem mais da realidade de seus alunos. Por terem uma linguagem mais próxima da linguagem das crianças e adolescentes, as HQs são uma ferramenta importante para os professores desenvolverem em seus alunos o hábito da leitura. Alves (2001) afirma que a leitura dos quadrinhos contribui para a formação do gosto pela leitura. E Vergueiro (2010) confirma que as crianças querem ler quadrinhos. Com o uso dos quadrinhos é possível respeitar o gosto de crianças e adolescentes, visto que, a maioria, tem preferência pelos quadrinhos. Em nossa pesquisa observamos crianças serem levadas a biblioteca para escolher algo para ler e muitos buscavam gibis para leitura. Quadrinhos são, na maioria das vezes, o primeiro livro de leitura de uma criança (LOVRETO 1995). Neste sentido, Vilela (2009) observa que é necessário que os professores se familiarizem e tenham disposição para o uso dessa linguagem.

“Afinal, “os limites do emprego de HQ em sala de aula são os limites da criatividade de cada professor” (CALAZANS, 2008, p. 17). Assim como qualquer outro meio de divulgação científica, passível de análise e equívoco (PIZZARO, 2009), para os quadrinhos é necessário o atento olhar do professor para auxiliar seus alunos(as) a olhar de forma crítica para esse instrumento.

O material utilizado na nossa pesquisa foi o disponível na escola. A maior parte do material era de um único autor. Mesmo havendo outras HQs na escola, escolhemos as HQs de Maurício de Sousa, por estar em maior quantidade. As demais HQs que estavam na escola tinham apenas alguns poucos exemplares. Foi possível, também, observar o interesse de uma das professoras envolvidas na pesquisa em usar a HQ nas suas aulas. E outras professoras, que não foram envolvidas diretamente com a pesquisa, relataram que usam ou gostariam de usar as HQs nas suas aulas. Mas muitas disseram não saber como usá-las. Com nossa pesquisa as professoras perceberam tanto a aceitação pelos quadrinhos, quanto as possibilidades de uso dos mesmos.

Usar quadrinhos na escola é uma ferramenta que pode ser valiosa, não apenas como objeto de leitura, mas para outras possibilidades: trabalhar o texto; as imagens; auxiliar alunos e alunas com dificuldades na leitura. Como sugerido por Bari (2008) os quadrinhos potencializam o letramento. Pudemos observar, na oficina, alguns alunos(as) com dificuldades de leitura, se esforçando para ler os quadrinhos. E as possibilidades podem ir além, segundo a criatividade de alunos e professores. É visível que a maioria domina a linguagem. Eles expressam sua criatividade com os desenhos e é possível identificar algumas falas ou impressões que os alunos não expressam explicitamente em sala. Ajudando, assim, a identificar as suas dificuldades na aprendizagem. Nas HQs produzidas pelas crianças foi possível verificar, por exemplo, as concepções das crianças sobre o meio ambiente. Ficou claro que algumas crianças acreditam que se deixarmos de poluir e desmatar, a natureza irá se recuperar sozinha.

Para o ensino de Ciências certos pontos considerados negativos por alguns autores, como a falta de vínculo com a realidade dos alunos, a inadequação à idade dos alunos, a falta de coordenação com outras disciplinas e a passividade dos alunos (KRASILCHIK, 1987 apud CARVALHO, 2010, p. 212) podem ser amenizadas com o uso dos quadrinhos, “tanto pelas características inerentes à estrutura, quanto pela *andaimagem*³ tecida nas propostas de sessões de leitura” (CARVALHO, 2010, p. 212). É que mesmo sem a intenção de educar, as HQs sempre trazem em suas histórias algum tema relacionado

³ Andaimagem é um conceito metafórico que se refere a um auxílio visível ou audível que um membro mais experiente de uma cultura pode dar a um aprendiz [...] em qualquer ambiente social onde tenham lugar processos de sociabilização. Neste texto a autora se refere a pista de contextualização (Karwoski, 2010, p. 411).

ao ensino. As HQs, especialmente as encontradas na escola, trazem temas ligados às Ciências, sendo que em algumas as concepções podem estar distorcidas ou apresentar equívocos. Por isso, é tão importante que o(a) professor(a), em especial no campo das Ciências, esteja atento a essa linguagem. Suas concepções simplistas e sexistas da Ciência (TORRES, 2007, p. 143 -144), com distorções e equívocos conceituais (PIZARRO, 2009) estão à disposição dos alunos, dentro e fora da sala de aula. Os professores precisam estar atentos ao que as HQs se propõem e ao que trazem de conteúdo. Se o professor desejar utilizar a HQ na sala de aula ele precisa estar atento a esse conteúdo, para que ele possa promover em seus alunos o olhar crítico e sistemático acerca das informações que eles recebem não apenas dos quadrinhos (PIZARRO, 2009). Em alguns momentos o professor pode verificar que, mesmo com alguns equívocos, a HQ pode ser usada para gerar um debate com os alunos, ou ele pode avaliar que os equívocos e distorções podem mais confundir do que auxiliar os alunos.

O professor precisará também ter uma aproximação maior com a linguagem própria dos quadrinhos, tanto para que possa utilizar na sala de aula, quanto para auxiliar os alunos que tenham pouco contato com essa linguagem. As poucas propostas de uso de HQs no ensino de Ciências torna necessária uma maior interação dos professores com essa linguagem.

Com a pesquisa observamos que esse tipo de trabalho com HQs, orientado e supervisionado pelo professor, permite a expressão das crianças. E que, embora as concepções trazidas pelos quadrinhos estejam presentes nas produções das crianças, as concepções que as próprias crianças trazem também aparecem. Nas HQs produzidas observamos suas concepções de natureza, de responsabilidade ambiental, de higiene; os adultos que destroem e poluem a natureza, as crianças que ajudam a conscientizar; os homens/meninos que sujam, as mulher/meninas que limpam; os super-heróis que ajudam a salvar a natureza; os policiais que prendem os poluidores. Algumas dessas concepções não estão presentes nos quadrinhos lidos na oficina, mas aparecem nas produções das crianças. As concepções que apareceram nas HQs produzidas pelas crianças demonstram, tanto o que elas reproduzem das HQs, quanto o que elas trazem de sua própria experiência. Isso mostra que as crianças não são meras reprodutoras e mesmo as concepções que elas repetem não são meras repetições.

Em nossa pesquisa foi possível verificar a influência que as HQs tiveram sobre as crianças, em especial, com relação aos temas das HQs produzidas pelos alunos. Grande parte das HQs produzidas usa o tema enchente, nas conversas sobre as histórias e nos desenhos foi o tema que mais surgiu. Esse tema é o que mais está presente nas HQs da *Turma da Mônica* usadas na oficina, especialmente nos quadrinhos do Cascão. Algumas das histórias produzidas, mesmo não sendo uma cópia da história

original, têm como temática principal as enchentes, em outras houve a cópia da história ou de alguns personagens. Isso nos indica que as HQs tem certo “poder” de ajudar a fixar as ideias que foram debatidas nas histórias. Isso torna os assuntos abordados em sala de aula muito mais estimulantes. As histórias dos alunos mostram que as HQs podem auxiliar o debate de um tema específico.

É impressionante a expressão dos alunos quando descobrem que usarão Histórias em Quadrinhos na aula. Depois da oficina tive a oportunidade de visitar a escola mais algumas vezes. Nos corredores os alunos que me encontraram ficaram interessados em saber se iríamos ter outra oportunidade de ler HQs na aula.

O trabalho com HQs é diverso e pode ser realizado em qualquer disciplina. Na área de Ciências ele é um auxílio a mais aos professores. Sejam os quadrinhos produzidos com fins didáticos, ou com os quadrinhos disponíveis na escola, temos a disposição uma quantidade vasta de material. Cabe ao professor selecionar o que está a sua disposição na internet, nas bancas e na escola. E pensar nas histórias em quadrinhos não apenas como uma distração, para o momento em que alguns terminam as atividades, mas como uma opção para ajudar a aula.

BIBLIOGRAFIA

ABRAHÃO, Azis. Pedagogia e quadrinhos. In: MOYA, Álvaro de. **Shazam!**. São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 137-170. (Coleção Debates: Comunicação).

ALVES, José Moysés. Histórias em quadrinhos e educação infantil. **Psicologia: ciência profissão**, Brasília, v. 12, n. 3, set. 2001. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 09 out. 2012.

A TURMA da Mônica na onda da educação ambiental. **Revista Aguapé**. Campo Grande, n. 6, 2004. Disponível em: <http://www.redeaguape.org.br/revista_artigos.php?id=6&text=368>. Acesso em: abril 2013.

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das Histórias em quadrinhos na formação de leitores**: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu. 2008. 420 f. Tese (Doutorado)-Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere2006/anaisEvento/docs/CI-009-TC.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca na Escola**: Leituras e Bibliotecas nas Escolas Públicas Brasileiras. Brasília, DF, 2008. 130 p.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Programa Nacional Biblioteca na Escola**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <<http://www.fnede.gov.br/index.php/programas-biblioteca-da-escola>>. Acesso em: 15 ago. 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: meio ambiente, saúde (1ª – 4ª Série). Brasília, DF, 1997. 128p.

CALAZANS, Flávio Márcio de Alcântara. **História em quadrinhos na escola**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008. 47 p.

CARVALHO, D. Jota. **A educação está no Gibi**. Campinas, SP: Papyrus, 2006. 111 p.

CARVALHO, Leticia dos Santos. **Quadrinhos nas aulas de Ciências**: narrando uma história de formação continuada. 2010. 232 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2010. Disponível em: <

http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesdesimplificado/tde_busca/processaPesquisa.php?listaDetalhes%5B%5D=3492&listaIncluiPasta%5B%5D=3492&processar=Processar>. Acesso em: 24 out. 2012.

CHINEN, Nobu. **Aprenda e faça arte sequencial**: Linguagem HQ: Conceitos básicos. São Paulo: Criativo, 2011. 93 p.

CONSELHO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO. **Retrato da Escola 2**: Como estão nossas escolas e nossas crianças (Relação entre escola, vida e a qualidade de ensino). Disponível em:

<http://www.cnte.org.br/images/pdf/pesquisa_retrato_da_escola_2_complemento.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2010.

EDUCAR PARA CRESCER. Ziraldo. Meu primeiro Maluquinho em quadrinho. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/hq/4-anos-menu-primeiro-maluquinho-em-quadrinhos.shtml>>. Acesso em: 20 dez 2012

EISNER, Will. **Histórias em quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 157 p.

FEIJÓ, Mario. **O prazer da leitura**: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores. São Paulo: Ática, 2010. 167 p.

FERRAZ, Flávia Heloísa Unbehaum. Leitura: Uma prática cultural a ser desmistificada In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. 17., 2009, Campinas, SP. **Anais eletrônicos...** Campinas, SP: UNICAMP, 2009. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem12/COLE_3247.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2013.

GIORA, Regina C.F.A; SANTANA, Beatriz P. Quadrinhos no cotidiano Escolar. **Nona Arte**: Revista Brasileira de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos. v. 1, n. 1, p. 59-66, 1º semestre de 2012. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/index>>. Acesso em: 09 out. 2012.

GONÇALO JÚNIOR. **A guerra dos gibis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 433p.

KAMEL, Cláudia. R. L; LA ROCQUE, L. As histórias em quadrinhos como linguagem fomentadora de reflexões: uma análise de coleções de livros didáticos de Ciências Naturais do Ensino Fundamental. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, MG, v. 6, n. 3, p. 59-76, 2006.

KARWOSKI, Acir Mário, **Formação do professor como agente letrador** Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 409-414, maio/ago. 2010.

LINSINGEN, L. Mangás e sua utilização pedagógica no ensino de Ciências sob a perspectiva CTS. **Ciência & Ensino**, Campinas, v. 1, número especial, p. 1-9, nov. 2007.

LOVETRO, José Alberto. Quadrinho: a linguagem completa. **Comunicação e Educação**, São Paulo, ano 2, p. 94-101, jan./abr. 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewFile/4246/3977>>. Acesso em: ago. 2010.

MACEDO, Elizabeth Fernandes de. Os temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Química Nova na Escola**. n. 8, p. 23-27, nov.1998. Disponível em: < <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc08/espaco.pdf>>. Acesso em: abr. 2013.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**: história, criação, desenho, animação, roteiro. São Paulo, SP: M.Books, 2005.

MENEZES, Cássia Maria Vieira Martins da Cunha. **Educação Ambiental**: a criança como um agente multiplicador. 2012. 46 p. Monografia (Especialização em Gestão Ambiental e Práticas de Sustentabilidade)-Escola de Engenharia Mauá do Centro Universitário do Instituto Mauá de Tecnologia São Caetano do Sul SP, 2012.

MOYA, Álvaro de. **História das Histórias em quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

MUANIS, Felipe. Imagem, cinema e quadrinhos: linguagem e discursos do cotidiano. **Caligrama** (Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Mídia). v. 2, n. 1, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/caligrama/n_4/05_FelipeMuanis.pdf>. Acesso em: 20 set. 2012.

PEREIRA-ROCHA, Adriana Couto. Saiba Mais: A Turma da Mônica como material paradidático para o ensino de Ciências In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 1., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ECA/USP, 2011. CD-ROM.

PIGOZZI, Douglas; VERGUEIRO, Waldomiro. O Recurso Informacional Quadrinhos e seu Potencial Pedagógico: um Estudo de Caso sobre Watchmen. In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 1., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ECA/USP, 2011. CD-ROM.

PIZARRO, Mariana Vaitiekunas. As histórias em quadrinhos como linguagem e recurso didático no

ensino de Ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2009.

RAMA, Angela et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. 155 p. (Coleção Como usar na sala de aula).

SALGADO, Raquel Gonçalves. Da menina meiga à heroína superpoderosa: Infância, Gênero e Poder nas cenas da ficção e da vida. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 32, n. 86, p. 117-136, jan./abril 2012.

SANTOS, Roberto Elísio dos. A história em quadrinhos na sala de aula. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP11_santos_roberto.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2011.

SCARELI, Giovana. **Educação e histórias em quadrinhos: a natureza na produção de Mauricio de Souza**. 2003. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

SOUZA, Suzani Cassiani de; NASCIMENTO, Tatiana Galieta. Um diálogo com as histórias de leituras de futuros professores de Ciências. **Pro-posições: Dossiê Ensino da Ciência: história e linguagens**. Campinas, SP, v. 17, n.1(49), p. 296, jan./abr. 2006.

TORRES, Adriana Patricia Gallego. Imagen popular de la ciencia transmitida por los cómics. **Revista Eureka** sobre Enseñanza y Divulgación de las Ciencias. v. 4, n. 1, p. 141-151, 2007. Disponível em: <http://venus.uca.es/eureka/revista/Volumen4/Numero_4_1/Gallego_2006.pdf> . Acesso em: 08 out. 2012.

VERGUEIRO Waldomiro, O Uso das HQs no Ensino In: RAMA, Angela et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. 155 p. (Coleção Como usar na sala de aula).

_____. **Você Sabia? Turma da Mônica: uma revista de quadrinhos com finalidades educativas**, 2005. Disponível em: <<http://www.omelete.com.br/quadrinhos/ivoce-sabia-turma-da-monica-i-uma-revista-de-quadrinhos-com-finalidades-educativas/>>. Acesso em: 09 de out. 2012.

_____; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação da Rejeição à Prática**. São Paulo: Contexto, 2009. 224 p.

VIÉGAS, Aline; GUIMARÃES, Mauro. Crianças e educação ambiental na escola: associação necessária para um mundo melhor? **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília, n. 0, p. 53-63, nov. 2004.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de Ensino: O quê? Por quê? Como?** 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

VIEIRA, Suzane da Rocha. A educação ambiental e o currículo escolar. **Revista Espaço Acadêmico**, ano 7, n. 83, abril 2008. Disponível em:
<<http://www.espacoacademico.com.br/083/83vieira.htm>>. Acesso em: abril de 2013.

VILELA, Túlio, Quadrinhos de Aventura In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação da Rejeição à Prática**. São Paulo, SP: Contexto, 2009. 224 p.

_____. Quadrinhos e 2ª Guerra Mundial. **Portal da 2ª Guerra Mundial**, 12 de Junho de 2008. Disponível em:
<http://www.2guerra.com.br/sgm/index.php?option=com_content&task=view&id=423&Itemid=37>. Acesso em: 14 ago. 2010.

VOGL, Ingrid. Ziraldo encerra o Congresso e reafirma importância da leitura. Notícias da Prefeitura de Campinas, 18 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.campinas.sp.gov.br/noticias-integra.php?id=2845>>. Acesso em: 18 ago. 2010.